



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VALTER CORREIA DA SILVA

**O QUE ESTÁ ACONTECENDO? UM ESTUDO DESIGNATIVO DAS *HASHTAGS*
À LUZ DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO**

JOÃO PESSOA
SETEMBRO DE 2021

VALTER CORREIA DA SILVA

**O QUE ESTÁ ACONTECENDO? UM ESTUDO DESIGNATIVO DAS *HASHTAGS*
À LUZ DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção do grau de mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz

JOÃO PESSOA
SETEMBRO DE 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586q Silva, Valter Correia da.

O que está acontecendo? Um estudo designativo das hashtags à luz da semântica do acontecimento / Valter Correia da Silva. - João Pessoa, 2021.

80 f. : il.

Orientação: Mônica Mano Trindade Ferraz.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Hashtag - Designação. 3. Acontecimento de linguagem. 4. Linguagem. I. Ferraz, Mônica Mano Trindade. II. Título.

UFPB/BC

CDU 801(043)



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
VALTER CORREIA DA SILVA**

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto de dois mil e vinte e um (25/08/2021), às quatorze horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada “O QUE ESTÁ ACONTECENDO? UM ESTUDO DESIGNATIVO DAS HASHTAGS À LUZ DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO”, apresentada pelo mestrando **VALTER CORREIA DA SILVA**, Graduado em Letras pela UFPB, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. José Ferrari Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. A Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz (PROLING - UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Erivaldo Pereira do Nascimento (Examinador/PROLING/UFPB) e Alexandre Macedo Pereira (Examinador/UFPB). Dando início aos trabalhos, a senhora Presidente Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao Mestrando para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito **Aprovado**. Proclamados os resultados pela professora Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 25 de agosto de 2021.

Observações

Devem ser feitas as revisões de texto e de formatação (ABNT) para a entrega da versão final. O trabalho cumpre os requisitos para uma dissertação de Mestrado._

Profa. Dra. MONICA MANO TRINDADE FERRAZ
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento
(Examinador)

Prof. Dr. Alexandre Macedo Pereira
(Examinador)

Dedico este trabalho à minha família, aos meus amigos e à minha orientadora.

“Quando nada acontece, há um grande milagre que não estamos vendo.”

Guimarães Rosa

RESUMO

Neste trabalho, procuramos tratar da *hashtag* do *Twitter* a partir de um ponto de vista enunciativo designativo, considerando-a para além de sua noção de ferramenta de etiquetagem, no sentido de classificar as micromensagens postadas na rede social. Para tal, desenvolvemos um percurso através do acontecimento em que a *hashtag* adquire sentido e examinamos quais elementos estão envolvidos nesse processo, perpassando por entre diferentes noções linguísticas, históricas e antropológicas que versam sobre as *hashtags*, e apresentando o gênero *Twitter* a partir de seu conceito como rede social. Como aporte teórico e metodológico, baseamo-nos nos pressupostos da Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002) e no Domínio Semântico de Determinação (DSD), método de análise do autor para chegar à designação de um enunciado. Outros estudiosos da semântica também são importantes para esta pesquisa, em função do diálogo que Guimarães estabelece com eles ao desenvolver sua proposta teórica, tais como Bréal, Benveniste, Ducrot. Nossa proposta foi analisar o processo de designação dos enunciados no *Twitter* a partir das *hashtags*, observando como se dá seu processo de sentido a depender de como os enunciados em que estão inseridas se integrem, enquanto elementos de texto. Assim também, descrever e analisar os processos da designação das *hashtags*, aqui tidas como formas nominais, também identificando suas relações com o *tweet* em que estão inseridas, examinando como e de que forma se constituem esses nomes a partir da articulação comportada pela pertinência entre o memorável e a atualidade do acontecimento dos enunciados. Em função disto, selecionamos como corpus de análise 6 (seis) *tweets* publicados na rede social durante o período de 1 de março de 2020 até 31 de março de 2020, e examinamos de que forma o sentido do enunciado se constitui a partir da articulação comportada pela pertinência entre o memorável e a atualidade do acontecimento desses enunciados. Na análise, observamos como se dão duas relações: entre sua designação e nomeação, atentando para a relação com as enunciações produzidas por usuários da plataforma, constituindo assim acontecimentos de linguagem, em que o funcionamento de certos nomes atrelados a certas *hashtags* são recortados como memorável por temporalidades específicas; e entre designar e referir, atentando para como a *hashtag* de um *tweet* está relacionada, pela textualidade, com outros nomes funcionando sob a aparência da substituibilidade, determinando-lhes e predicando-lhes. Com a análise, evidenciamos que, neste processo de constituição do sentido, existe uma dinâmica de agenciamento à qual o político é indissociável, e que caracteriza um conflito na cena, um conflito de dizer, conferido uma partilha do real a partir da relação de lugares de dizer na cena enunciativa e sua relação com a designação dos enunciados, constituído pela própria argumentatividade na construção do texto, através de certos modos de relação, como a repetição, substituição etc. observadas nos enunciados analisados.

Palavras-chave: Acontecimento, designação, *hashtag*.

ABSTRACT

In this work, we try to approach with the Twitter hashtag from an enunciative designation point of view, considering it beyond its notion of a tagging tool, in order to classify the micromessages posted on the social network. To this, we develop a path through the event in which the hashtag acquires meaning and examine which elements are involved in this process, going through different linguistic, historical and anthropological notions that deal with hashtags, and presenting the Twitter genre from its concept as a social network. As a theoretical and methodological contribution, we base ourselves on the assumptions of the Semantics of the Event of Guimarães (2002) and on the Semantic Domain of Determination (DSD), the author's method of analysis to arrive the designation of an utterance. Other semantics scholars are also important for this research, due to the dialogue that Guimarães establishes with them when developing his theoretical proposal, such as Bréal, Benveniste, Ducrot. Our proposal was to analyze the designation process of utterances on Twitter from hashtags, observing how their meaning process occurs depending on how the utterances in which they are inserted are integrated, as text elements. Likewise, to describe and analyze the processes of designation of hashtags, here taken as nominal forms, also identifying their relationships with the tweet in which they are inserted, examining how and in what way these names are constituted based on the articulation carried by the pertinence between the memorable and the actuality of the event of the utterances. As a result, we selected as corpus of analysis 6 (six) tweets published on the social network during the period from march 1, 2020 to march 31, 2020, and we examined how the meaning of the utterance is constituted from the carried articulation for the pertinence between the memorable and the actuality of the event of these statements. In the analysis, we observe how two relationships occur: between their designation and naming, paying attention to the relationship with the utterances produced by platform users, thus constituting language events, in which the operation of certain names linked to certain hashtags are cut as memorable by specific temporalities; and between designating and referring, paying attention to how the hashtag of a tweet is related, by textuality, to other names working under the guise of substitutability, determining and predicating them. With the analysis, we show that, in this process of constitution of meaning, there is a dynamics of agency to which the political is inseparable, and which characterizes a conflict on the scene, a conflict of speech, conferring a sharing of the real from the relationship of places to say in the enunciative scene and its relationship with the designation of the utterances, constituted by the argumentativeness itself in the construction of the text, through certain modes of relationship, such as repetition, substitution, etc. observed in the analyzed statements.

Keywords: Event, designation, hashtag.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSD – Domínio Semântico de Determinação

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Perfil de um usuário da plataforma.....	14
FIGURA 2 – Exemplo de assuntos no <i>top-trend</i>	16
FIGURA 3 – <i>top-trend</i> com 7 <i>hashtags</i>	17
FIGURA 4 – Exemplo de <i>tweet</i> com <i>hashtag</i> top 2.....	17
QUADRO 1 – Tipos e exemplos de <i>hashtags</i>	20
FIGURA 5 – Primeiro <i>tweet</i> de usuário da plataforma.....	22
QUADRO 2 – Tipos de lugares sociais.....	36
FIGURA 6 – Exemplo de decreto do presidente da República.....	36
FIGURA 7 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma com intertexto.....	38
FIGURA 8 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma sem intertexto.....	38
FIGURA 9 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma.....	48
FIGURA 10 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma.....	52
FIGURA 11 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma.....	56
FIGURA 12 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma.....	59
FIGURA 13 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma.....	62
FIGURA 14 – <i>Tweet</i> de usuário da plataforma.....	65

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2. DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO: O TWITTER.....	15
2.1. As <i>hashtags</i> no <i>twitter</i>	16
2.2. A designação das <i>hashtags</i> no <i>twitter</i>	21
3. A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO.....	27
3.2. Enunciação e acontecimento.....	30
3.3. Acontecimento e temporalidade.....	32
3.4. Os espaços de enunciação como espaços políticos.....	35
3.5. Cena enunciativa e divisão de locutor.....	37
3.6. A designação e o domínio semântico de determinação.....	42
4. PROCEDIMENTOS E ANÁLISE.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta pesquisa, apresentamos um estudo que analisa as *hashtags* do *Twitter* a partir de seu processo de designação no funcionamento da rede social. Para tal, desenvolvemos um percurso pelo acontecimento em que a *hashtag* adquire sentido e examinamos quais elementos estão envolvidos nesse processo.

A *hashtag* é uma ferramenta de etiquetagem presente no *Twitter* (mas não só nele) utilizada para classificar as micromensagens postadas na rede social. Os próprios usuários as produzem, constituindo elementos linguísticos originados de situações reais de produção de enunciados. Nesse processo de produção de *hashtags*, diferentes formas nominais são produzidas em enunciados diversos, em que terão seus sentidos determinados a depender de como se integrem, enquanto elementos de texto, nesses enunciados.

Consideramos a *hashtag* como uma forma nominal a partir de estudos¹ que tratam dessa forma linguística como uma formação nominal constituída por nomes, sem necessariamente se dar em termos lineares, como no caso do sintagma. Nesses estudos, existe uma visão enunciativa das construções nominais no processo de formação das *hashtags*, que a considera como concebida por meio de uma formação articulatória que comporta um campo de pertinências entre o memorável e a atualidade do acontecimento.

Inserimo-nos nessa perspectiva teórico-metodológica, tendo como campo de análise o *Twitter*, pois, dentre todas as redes sociais, é suporte que dá origem às *hashtags*, e onde elas mais estão presentes, de forma que configura um espaço enunciativo para designação, sendo por isso um ambiente propício de emissão de enunciados de certa ordem que atribuem diferentes significações, como no caso das promovidas pelas *hashtags*. Segundo as noções de Guimarães (2018), os espaços são um acontecimento específico para os enunciados, e isso pode influenciar na designação de novos sentidos, pois, como afirma o teórico, o acontecimento da enunciação, como foi dito, caracteriza-se por ser o funcionamento da língua num espaço de enunciação, e os acontecimentos, por sua vez, constituem-se por uma temporalidade própria, marcada social, política, historicamente etc.

¹ Como Silva (2017): *Hashtags sob o viés da semântica da enunciação*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2017.

Para isso, observamos como se dão duas relações na forma linguística em questão: entre sua designação e nomeação, atentando para a relação com as enunciações produzidas por usuários da plataforma, constituindo assim acontecimentos de linguagem, em que o funcionamento de certos nomes atrelados a certas *hashtags* são recortados como memorável por temporalidades específicas; e entre designar e referir, atentando para como a *hashtag* de um *tweet* está relacionada, pela textualidade, com outros nomes funcionando sob a aparência da substituibilidade, determinando-lhes e predicando-lhes.

Alguns trabalhos com base na Semântica do Acontecimento abordaram o fenômeno da designação, buscando captar os efeitos de sentido produzidos em diferentes contextos sociais, a exemplo de Neves (2017), que, em sua dissertação, analisou o processo de designação dos nomes de rua, mais especificamente os de Londrina-PR, e também Silva (2017), que, em sua dissertação, buscou compreender o processo de designação realizado por meio do uso de apelidos. Estes e outros trabalhos que seguem o modelo teórico-metodológico da Semântica do Acontecimento buscam entender o funcionamento do efeito de sentido pelo estudo do funcionamento da designação, a fim de contribuir para a compreensão geral da linguagem e das línguas.

As *hashtags* são um fenômeno relativamente recente, mas sua noção é discutida por diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, Silva (2017), em sua tese de doutorado, utiliza de diversas referências das áreas de Linguística de texto, Letramento digital, Teoria de Gêneros Textuais, Pragmática e outros, para conceituar, descrever e classificar as *hashtags* de maneira mais detalhada. Vale ressaltar que a autora exerce um estudo aprofundado acerca do fenômeno sob o viés da semântica da enunciação, trazendo fortes contribuições para a teoria a partir desse objeto, que por ser o mesmo do nosso, terminou por contribuir bastante na acepção da bibliografia.

As *hashtags* são usadas sobretudo nas redes sociais digitais, onde atuam como *links* agrupando, por exemplo, interesses, temas e atividades em comum, formando grupos e potencializando laços sociais. Como veremos no capítulo 2, o *top-trend* do *Twitter* é um grande exemplo. Dessa forma, as *hashtags* possuem um potencial para organização de informações ilimitado, e seu uso alcança mesmo o domínio fora da rede, assim como também estabelece um *link* entre os dois mundos (real e virtual),

como no caso de mobilizações diversas oriundas de um ciberativismo² recorrente na rede.

Justificamos a escolha da teoria da Semântica do Acontecimento porque a compreendemos como uma semântica histórica da enunciação, que pesquisa a constituição histórica do sentido, levando em conta aspectos sociais relacionados com a história e os contextos de uso da língua. Acreditamos que a significação dos enunciados é constituída historicamente e pela integração do enunciado ao texto. Defendemos também a significação como algo que se dá no acontecimento da enunciação, produzida no funcionamento da língua como em espaços digitais de enunciação, em que os falantes da língua os constituem politicamente, agenciados, também politicamente, a dizer segundo uma divisão de lugares de enunciação nas cenas enunciativas.

A partir do Domínio Semântico de Determinação (DSD), método de análise utilizado pelo autor da teoria e presente em nosso trabalho, que permite chegar à designação das palavras em um enunciado, e assim, portanto, o seu sentido, poderemos observar como uma palavra ganha atribuição de sentido estando entre outras palavras de um texto numa relação de articulação e reescrituração, tornando possível fazer referência a coisas particulares em situações particulares de enunciação. Dessa maneira, a designação, enquanto relacionada com o mundo, permitirá a produção de uma partilha do real, que faz com que os elementos desta partilha sejam identificados, permitindo assim ser possível estabelecer referência ao que foi identificado pela designação.

Considerando essa abordagem teórica e objeto de análise adotado, partimos do seguinte problema de pesquisa:

Que implicações uma análise das *hashtags* por meio do seu processo de designação e acontecimento enunciativo traz para a compreensão da sua significação e da sua relação de sentido com outros enunciados na plataforma?

Para tal, utilizamos de *tweets* publicados na rede social durante o período de 1 de março de 2020 até 31 de março de 2020, em que uma série de acontecimentos se desenrolaram no Brasil e no mundo, sobretudo na esfera da política. Observamos que os enunciados no *Twitter* não somente tratam-se de uma rememoração de fatos

² Murer (2013) afirma que ciberativismo — é o uso dos meios de comunicação digital como principal veículo dos cidadãos para reclamar seus direitos, convocar passeatas, registrar protestos e divulgar notícias sobre as causas geradoras de suas insatisfações.

anteriores, mas de enunciações, instaurando o acontecimento e sendo responsável pelo funcionamento da linguagem, uma vez que estes acontecimentos seriam impossíveis sem a linguagem.

Assim sendo, nossa proposta com a teoria é analisar o processo de designação dos enunciados no *Twitter* a partir das *hashtags*, observando como se dá seu processo de sentido a depender de como os enunciados em que estão inseridas se integrem, enquanto elementos de texto. Em função disso, elencamos como objetivos específicos:

- a. Descrever o processo de designação das formas nominais em enunciados do *Twitter* produzidos pelos usuários em contextos reais de uso;
- b. Analisar nos enunciados como se dá o processo de sentido na designação desses nomes presentes na formação das *hashtags* delimitadas para análise;
- c. Identificar como o sentido desses nomes depende de como se integram enquanto elementos de texto, nesse caso o *Tweet*, nos enunciados com os quais se relacionam.
- d. Examinar como e de que forma se constituem esses nomes a partir da articulação comportada pela pertinência entre o memorável e a atualidade do acontecimento dos enunciados.

Para tentar alcançar os objetivos propostos, adotamos uma metodologia de pesquisa de natureza teórica e abordagem qualitativa, além do comentado DSD na análise dos enunciados, baseados em dados coletados em uma plataforma de interação virtual (rede social), a saber, o *Twitter*, a partir de um processo de recorte e sondagem, próprios da metodologia da teoria que utilizamos para lançar um olhar sobre esses dados: a Semântica do acontecimento (2002). Dessa maneira, submetemos os dados a um procedimento de análise, em que descrevemos uma interpretação acerca do comportamento desses dados enquanto enunciados produzidos na rede. Para discussão, dividimos esta dissertação em 5 capítulos, incluindo a introdução (este primeiro capítulo) e as considerações finais.

No capítulo 2, apresentamos o *Twitter*, a partir de seu conceito geral como rede social, incluindo algumas de suas características e ferramentas, a exemplo do *tweet* e da *hashtag*, que constituem o corpus desta pesquisa. Também apresentamos a *hashtag* de maneira mais geral, utilizando diversas referências das áreas de

Linguística de texto, Letramento digital, Teoria de Gêneros Textuais, Pragmática e outros sobre o fenômeno, para conceituar, descrever e classificar as *hashtags* de maneira mais detalhada. Observamos alguns de seus aspectos e como elas se comportam na plataforma do *Twitter*, promovendo uma livre etiquetagem e permitindo também a popularização de certos temas em detrimento de outros, a partir, principalmente, do *top-trend*.

O capítulo 3 é o capítulo teórico, em que expomos a Semântica do Acontecimento, teoria utilizada nesta pesquisa, definindo-a a partir dos conceitos fundamentais propostos pelo próprio teórico Guimarães (2017), não sem passar por outros envolvidos com a semântica da enunciação, como Benveniste e Ducrot. Refletiremos sobre algumas das noções básicas da teoria, como acontecimento e temporalidade, espaços de enunciação (como espaços políticos), cena enunciativa e divisão de locutor, além do Domínio Semântico de Determinação (DSD), método pelo qual chegaremos à designação dos enunciados que analisaremos, que perpassa por todos esses conceitos.

No capítulo 4, discutiremos os procedimentos de análise em um primeiro momento, descrevendo o processo de trabalho a partir da sondagem, recorte e análise do acontecimento de enunciação das *hashtags*. Em um segundo momento, procedemos com a análise de seu funcionamento utilizando de categorias semântico-enunciativas.

Por fim, no quinto e último capítulo, apresentamos nossas considerações finais, em que fazemos um apanhado sobre o que foi apresentado ao longo de todo o trabalho, incluindo a análise, além de respondermos algumas perguntas que nortearam a pesquisa.

1. DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO: O TWITTER

O *Twitter* é uma rede social gratuita de postagens *online* com usuários no mundo todo, que produzem e reproduzem em suas páginas pessoais mensagens de até 280 caracteres, denominadas de *tweets*. A ideia inicial era a de que as mensagens não ultrapassassem 140 caracteres, um número bem reduzido e aludindo ao SMS, que inspirou a invenção da plataforma. Essas postagens atualizam as páginas dos usuários em tempo real e são enviadas a outros seguidores que assinam a página origem. O *Twitter* existe desde 2006 e, atualmente, conta com mais de 500 milhões de usuários, sendo os estadunidenses e os brasileiros os mais conectados no momento. Segundo um estudo da empresa de mídias sociais SemioCast³, realizado em 2012, os Estados Unidos possuem cerca de 141 milhões de usuários. O Brasil fica em segundo lugar com 41 milhões, e, logo em seguida, o Japão, com 35 milhões de usuários. O idioma mais comum na rede é o inglês, que compõe 25,8% de todas as postagens da plataforma, em seguida o japonês, idioma que consegue alcançar 10,6% de todos os *tweets*.

A plataforma consegue tornar possível uma comunidade mundial de troca de mensagens, o que acarreta informações das mais diversas, surgindo de personalidades das mais variadas. Segundo uma lista⁴ divulgada na internet, Barack Obama fica em primeiro lugar com 117,9 milhões de seguidores. Justin Bieber, apresentando 111,7 milhões de pessoas, fica em segundo, e a cantora Katy Perry, com 108,5 milhões de seguidores ativos, fica em terceiro.

Os usuários do *Twitter* podem assinar outros usuários para receber suas atualizações em seus perfis, o que faz por articular, segundo Rodrigues (2011), uma grande rede social de interesses. A esta relação denomina-se “seguir”, uma relação então entre seguidor e seguido. Isso permite que um membro siga o outro sem necessariamente ser seguido de volta, como ocorre no Facebook. Essa relação permite também que muitos usuários sejam uma celebridade ou fonte de informação. Na figura a seguir, um exemplo de um perfil de um usuário popular na plataforma.

³https://semioCast.com/en/publications/2012_01_31_Brazil_becomes_2nd_country_on_Twitter_superseeds_Japan.

⁴ <https://www.oficinadanet.com.br/post/19403-10-perfis-mais-seguidos-do-twitter-no-mundo>.

Figura #1: Perfil de um usuário da plataforma



Fonte: Twitter

A rede social possui uma ferramenta de etiquetagem utilizada para classificar as micromensagens postadas na rede social, denominada *hashtags*. Os próprios usuários as produzem, constituindo elementos linguísticos originados de situações reais de produção de enunciados. Nesse processo de produção de *hashtags*, enunciados diversos são produzidos, em que nomes diferentes atrelados à *hashtag* de que se trate terão sentidos construídos a depender de como se integrem no enunciado, enquanto elemento de texto. Assim, as *hashtags* são unidades de sentido enquanto atreladas a enunciados na rede, apresentando uma integração com o texto a partir de uma combinação que podemos por hora chamar de consecutiva. As *hashtags* e seu funcionamento na rede são nosso objeto de estudo, portanto, de início, é importante descrever um pouco como se dá seu uso na rede. Ainda neste capítulo, também trataremos de seu funcionamento linguístico, e um pouco de como se dá seu processo de designação a partir de alguns exemplos extraídos da própria plataforma.

2.1. As Hashtags no Twitter

A *hashtag* é, sobretudo, uma ferramenta, e sua utilização na rede social ocorre de maneira generalizada, chegando a atingir picos durante eventos sociais populares, como competições esportivas, eleições, acontecimentos inesperados e outros fatos relacionados à sociedade. Também tem destaque na rede social uma grande e notável utilização das *hashtags* por ativistas em diversos protestos, a exemplo da Primavera Árabe e do Occupy Wall Street, ambos em 2011, e, mais recentemente, no Brasil, campanhas para mobilização quanto aos desastres ambientais de Mariana, em 2015, e Brumadinho (municípios de Minas Gerais), em 2019 (a propósito, o maior acidente

de trabalho no Brasil em perda de vidas humanas e o segundo maior desastre ambiental do século), entre outros. A lógica segue parecida para celebridades no geral, desde simples famosos, como participantes do programa Big Brother Brasil, até jogadores de futebol de todo o mundo.

As *hashtags* promovem então uma livre etiquetagem, que não passa pelo controle do sistema, tornando-se responsabilidade exclusiva dos usuários. O fato de que praticamente quaisquer cadeias de caracteres possam vir a ser transformadas em *hashtags*, implicando a popularização de um ou outro assunto, personagem etc., gera um interesse para a dinâmica de criação, uso e propagação dessas etiquetas, pois um novo acontecimento social pode fazer surgir simultaneamente várias *tags* distintas. As *hashtags* passam por uma generalizada aprovação ou não dos usuários da rede, garantindo sucesso para umas ou restrição para outras, a depender do interesse do público na reprodução do assunto.

Ainda as *hashtags* permitem que a plataforma popularize os temas que repercutem no interdiscurso virtual, com todos contribuindo para uma ascensão de enunciados que tratem daquilo que os próprios usuários considerem relevante discutir, chegando ao *top-trend* qualquer tipo de assunto que ganhe destaque, mesmo que trivial, ou como descrevem os usuários, *small talk*. O *top-trend* funciona através da popularização em tempo real das *hashtags*, que, categorizando os *tweets* a partir de uma etiquetagem, promove livremente uma contextualização de metadados às postagens, funcionando, muitas vezes, como palavra-chave dos *tweets*.

No decorrer de um mês, é possível identificar no *top-trend* diversas ocorrências de assuntos dos mais variados, como figuras públicas famosas, escritores, correntes no geral e até mesmo clipes de artistas, como ilustra o *top-trend* a seguir do dia 16 de março de 2020, em que se é possível observar bem a diversidade do que é tratado com mais recorrência no País.

Figura #2: Exemplo de assuntos no *top-trend*

Fonte: *Twitter*

No mundo, também não é diferente. Conforme este print do dia 31 de março de 2020, temos jogadores de futebol ([#askvirgil](#)), lançamento de clipe de grupo de k-pop ([#debutwithBTS](#)) e dia de visibilidade trans ([#transdayofvisibility](#)) ao lado, ou melhor, acima de um tema com um impacto profundo para a população mundial, o corona vírus, que se expandiu no globo nos últimos meses até atingir, no dia em questão, um total de 800 mil infectados.

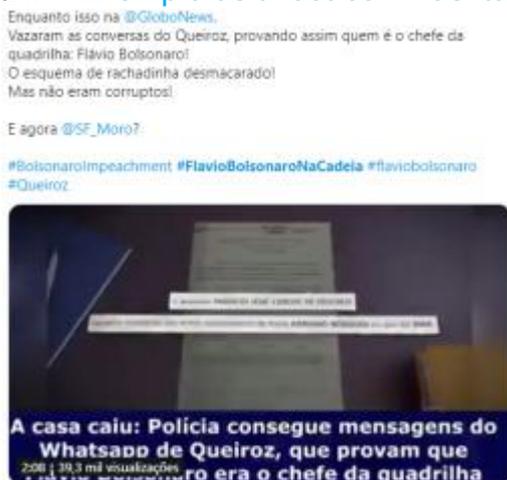
Figura #3: top-trend com 7 hashtags



Fonte: Twitter

Para fins metodológicos, recortamos, dentre os diversos acontecimentos recorrentes, o que condissesse com política, por mero fim metodológico, uma vez que a política é um tema universal e propenso a um funcionamento previsível, em que os usuários irão construir seus enunciados na rede muitas vezes a partir da designação dos sujeitos e dos temas envolvidos, como no caso da hashtag **#FlavioBolsonaroNaCadeia**, assunto top 2 na figura #3 acima, e na figura #4 abaixo, um exemplo da ocorrência.

Figura #4: Exemplo de tweet com hashtag top 2



Fonte: Twitter

Por se tratar de uma rede social, boa parte de suas mensagens terá o que Lyons (1970) chama de comunhão fática, isto é, mensagens que possuem um sentido ritualístico, mais do que informacional, e costumam servir apenas como oposição ao silêncio durante a interação, uma vez que boa parte de seus usuários estão interessados apenas em manter relações sociais com amigos e conhecidos.

As *hashtags* agregam também mensagens para organização de fóruns de discussão, promoção de marcas e publicidade de produtos, a partir de campanhas, eventos e personagens, chegando até mesmo a uma realização a partir do lúdico, como é o caso dos memes, sempre ligados a fatos do mundo ou a si próprios, a partir de uma reprodução advinda de uma função metalinguística própria do gênero.

As *hashtags* funcionam como metadados, garantindo títulos generalizados para informações sobre objetos e acontecimentos do mundo, na medida que auxiliam na promoção de uma informação a partir da descrição e complementação ao assunto que se trate. Dessa forma, é notório um processo de designação nesse modo de funcionamento. Em um *tweet*, de maneira muito específica de funcionamento, as *hashtags* se comportam como um enunciado-título, podendo vir a ser um enunciado nominal, ou constituído por nomes, ou formações nominais etc. A *hashtag* é, já adiantando alguns termos da teoria que utilizaremos para analisá-la, uma formação nominal, mesmo que se trate de uma nova construção entre diferentes nomes, de diferentes realidades lexicais, de toda forma, não será só uma palavra, mas um enunciado que possui relação particular com os demais enunciados do texto que titula. Tem-se, então, uma relação auto-referencial na *hashtag*, comportando-se como enunciado-nome, numa relação tal que a instância dessa nomeação se apresenta como a mesma instância do texto que o nome nomeia (de que a *hashtag* é título).

Conforme podemos acompanhar na rede social durante o mês de março de 2020, percebemos que foi um mês de diversas conturbações no cenário da política brasileira, vindo a público escândalos relacionados a corrupção, declarações de figuras políticas e órgãos, medidas governamentais, decisões no congresso etc. Conforme Guimarães (2017), os enunciados temporalizam os acontecimentos. Dessa forma, estes acontecimentos não podem ser tidos como uma ocorrência empírica apenas, numa simples noção de que algo ocorreu em determinado momento. Esta definição de acontecimento propõe uma noção simbólica, a partir do acontecimento da linguagem, do sentido, da enunciação. Conforme sua teoria, trata-se então de um acontecimento de dimensão linguística, em que alguns conceitos precisam ser

esclarecidos para uma compreensão de seu funcionamento. Mais adiante, no próximo capítulo, denominado A semântica do acontecimento, descreveremos um pouco acerca dessa teoria, demonstrando alguns de seus conceitos e aplicabilidade na plataforma. Antes, vejamos melhor como se dá a já brevemente comentada designação das *hashtags* nessa plataforma.

2.2. A designação das *hashtags* no *Twitter*

Agora que tratamos rapidamente da *hashtag* do *Twitter* a partir de um olhar mais genérico, sob o qual podemos observar que ela é uma ferramenta de etiquetagem utilizada para classificar as micromensagens postadas na rede social, vamos avançar mais um pouco em seu entendimento, pois pode-se observar nelas bem mais que isso. O conceito de *hashtag* é discutido em diversas áreas do conhecimento, perpassando, por exemplo, pela ciência da computação, antropologia e também pela linguística. Nesta seção pretendemos descrever alguns desses conceitos, versando sobre seus diversos aspectos e funcionamento.

Em sua tese de doutorado, Silva (2017) utiliza de diversas referências das áreas de Linguística de texto, Letramento Digital, Teoria de Gêneros Textuais, Pragmática e outros, para conceituar, descrever e classificar as *hashtags* de maneira mais detalhada. Vale ressaltar que a autora exerce um estudo aprofundado acerca do fenômeno sob o viés da semântica da enunciação, trazendo fortes contribuições para a teoria a partir desse objeto, que, por ser o mesmo do nosso, terminou por contribuir bastante na acepção da bibliografia.

Sendo assim, faremos um percurso a partir dos autores utilizados no estudo da autora, recortando o que é pertinente à natureza da nossa pesquisa, como o que ela traz de contribuição de Jackiewiez e Vidak (2014), para os quais é a “semântica da palavra precedida pelo símbolo # e a natureza da relação que mantém com o *tweet* e seu contexto de emissão que permite a compreensão da função da *hashtag*” (JACKIEWIEZ; VIDAK, 2014, p. 2036, tradução da autora). Além também de Scott (2015), quando, em seu estudo⁵, afirma que, além de funcionar como guia inferencial, dispositivo de realce e conectores discursivos, as *hashtags* também podem funcionar como guia para os processos inferenciais do leitor na interpretação do enunciado.

⁵ SCOTT, Kate. (2015). The pragmatics of hashtags: Inference and conversational style on Twitter. In: Journal of Pragmatics. Vol. 81, pp. 8—20. 2015.

Vejamos mais a fundo essas acepções, mas antes, seguindo os postulados de Silva (2017), vamos entender do que se trata a *hashtag*, o seu surgimento e evolução histórica nas redes.

Segundo a autora, a palavra *hashtag* é formada a partir de dois termos ingleses, *hash* (cerquilha ou o nosso “jogo da velha” - #) e *tag* (etiqueta), e “diz respeito a uma cadeia de caracteres que formam uma unidade ao ser precedida pelo símbolo cerquilha” (SILVA, p. 21, 2017). A cerquilha, nesse caso, corresponde a um símbolo crucial, pois é o que determina como *hashtag* o conjunto de caracteres que a suceder, seja por siglas, acrônimos, expressões, sentenças ou mesmo por composição alfanumérica, formando uma nova palavra, como nos exemplos do quadro elaborado pela autora.

Quadro #1: Tipos e exemplos de hashtags

Tipos de cadeia de caracteres que formam hashtags	Exemplos
Palavra	#vestibular, #ENEM, #amo, #feliz, #OMG ³
Expressão sem verbo	#letrasdadepressão, #dicasdetreino
Sentença	#somostodosmacacos, #rindoatéamanhã
Sequência alfanumérica	#G1; #br45il; #ENEM2015

Fonte: Silva (2017)

As *hashtags* são usadas sobretudo nas redes sociais digitais, onde atuam como *links* agrupando, por exemplo, interesses, temas e atividades em comum, formando grupos e potencializando laços sociais. Como vimos no início deste capítulo, o *top-trend* do *Twitter* é um grande exemplo disso, facilitando a popularização de temas que repercutem no interdiscurso virtual, com todos contribuindo para uma ascensão de enunciados que tratem daquilo que os próprios usuários considerem relevante discutir. O uso das *hashtags* ultrapassa o meio virtual, podendo ser vistas também em programas televisivos, publicidade em geral e até mesmo nas ruas, por meio de *outdoors*, cartazes, camisetas etc.

Dessa forma, as *hashtags* possuem um potencial para organização de informações ilimitado, e seu uso alcança mesmo o domínio fora da rede, assim como também estabelece um *link* entre os dois mundos (real e virtual), como no caso de mobilizações diversas oriundas de um ciberativismo, a exemplo de algumas femininas,

algumas das quais Depexe e Corrêa (2017) descrevem⁶. Assim também a elaborada pela Justiça do Trabalho no Dia Mundial do Trabalho em 2019, através da *hashtag* **#BrasilSemTrabalhoInfantil**, que, segundo informações⁷ divulgadas pelo Tribunal Superior de Trabalho, esteve entre os assuntos mais comentados do Brasil no *Twitter* (*trending topics*) por mais de 8 horas ininterruptas e apareceu nas páginas dos usuários 575,3 milhões de vezes. Os dados foram aferidos pela ferramenta de monitoramento *Hashtracking* e comprovam: foi a maior mobilização digital de combate ao trabalho infantil no País de que se tem notícia até o momento.

Um outro exemplo de mobilização por *hashtag* é a que leva uma discussão para as ruas, apesar de mobilizadas na rede, a exemplo das manifestações pró-bolsonaro em diversos momentos do mês de março, abril e maio, em que um contexto de isolamento em decorrência da pandemia do COVID-19 no Brasil e no mundo estava instaurado. Essas mobilizações, apesar das determinações oficiais da organização mundial da saúde (OMS) para uma quarentena, levou uma quantidade considerável de pessoas para as ruas em diversas regiões do país, sobretudo em Brasília, onde o próprio presidente também participou do aglomerado de pessoas que, impulsionadas por *hashtags* como **#BolsonaroTrabalhaPeloPovo**, **#SomosTodosBolsonaro** e **#FechadoComBolsolnaro**, dentre outras mais de mesma natureza, conseguiram, muitas vezes simultaneamente, chegar ao *top-trend* do *Twitter* de maneira bastante significativa.

Ainda segundo a percepção de Silva (2017), elas “são utilizadas para indicar o tópico da postagem, realçar um elemento, agrupar pessoas e assuntos comuns, além de servir como forma de expressão. As *hashtags* podem então indicar o tópico ou a filiação da postagem, funcionando como uma etiqueta, uma palavra-chave. Podem também realçar um elemento da postagem, como um marca-texto virtual, já que ela possui um *layout* **negrito** e **azulado**, chamando a atenção para um elemento específico. A *hashtag* também agrupa assuntos e pessoas na plataforma, criando um *link* que permite reunir uma postagem em uma lista de outras com a mesma *hashtag*, juntando assim assuntos e pessoas abordando o mesmo tema. Podem também expressar ou divulgar uma opinião, sendo uma alternativa para o usuário expressar suas emoções, vontades e opiniões sobre assuntos atuais, eventos de naturezas

⁶ DEPEXE, S.; CORRÊA, L. B. #todasjuntas: mobilizações femininas no Twitter. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba – PR. 04 a 09/09/2017

⁷ http://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/id/24923455.

diversas, programas de TV, filmes, páginas da *internet*, campanhas publicitárias (SILVA, 2017).

Sendo assim, temos então quatro usos para a *hashtag* (indicar, realçar, agrupar e expressar), correspondentes às suas funcionalidades mais básicas. A autora chama a atenção ainda para o fato de que esses usos podem coocorrer, como se, por exemplo, um usuário empregar uma *hashtag* com fins humorísticos, ainda assim ela funcionará como um elemento de realce na postagem e como forma de agrupamento das postagens com a mesma *hashtag* (SILVA, 2017). Também descreve que as *hashtags*, segundo Scott (2015), foram além do seu propósito original, pois também servem para orientar a interpretação dos leitores, ao fornecer informações contextuais de forma econômica e estilisticamente discreta.

Conforme Silva (2017), Messina (2007), um web designer e usuário do *Twitter*, é quem propõe o uso da *hashtag* em 2007. Ele menciona que a *hashtag* surge de um desejo entre os usuários do *Twitter* de organizar e agrupar interessados nos mesmos tópicos nessa rede social. O usuário é então quem idealiza o uso da cerquilha (#) para identificar palavras-chave e facilitar a busca por elas, aumentando a precisão das consultas. Na figura a seguir, temos a primeira ocorrência da *hashtag* no *Twitter*, em que o autor pergunta como seus seguidores se sentem em poder usar # para agrupação.

Figura #5: Primeiro *tweet* de usuário da plataforma



Fonte: *Twitter*

A *hashtag* segue na plataforma e não demora muito para fazer parte de eventos de grande escala, como anúncios publicitários e manifestações políticas, a exemplo das ocorridas na Arábia ainda em 2011, em que a *hashtag* #Bahrain ocupou o primeiro lugar do ranking das *hashtags* mais usadas pelos membros do *Twitter*. Nesse

mesmo ano, o *Instagram* e o *Google+* adicionam suporte a *hashtag* em suas plataformas, e, em 2013, é a vez do *Vine*, *Flickr* e *Facebook*. Como pode ser notado, a *hashtag* surge por meio de uma necessidade dos usuários no *Twitter* e se expande para outras redes sociais. Ainda, segundo Silva (2017), sua utilização em espaços diferentes acarreta formas diferentes de apresentação e funcionamento. A autora chega a descrever seu comportamento em várias redes sociais, mas nossa pesquisa focará no *Twitter*, visto que nosso objetivo é estudar seu comportamento designativo em integração com os textos dos *tweets* em que estão inseridas, apesar de considerarmos que, na forma como a *hashtag* se comporta em outros tipos de textos, e que outras redes sociais elencam como principal à plataforma, também pode existir relação, a exemplo das fotos do *Instagram* e dos compartilhamentos do *Facebook*.

Visto o conceito de *hashtag*, seu lugar de uso e finalidade, avancemos ainda mais a fundo em sua compreensão, a partir do que alguns dos principais autores a tratar do tema concebem em termos de análise linguística. Como adiantamos, segundo Jackiewicz e Vidak (2014 *apud* Silva, 2017), a função semântica da *hashtag* pode ser reconhecida e interpretada através da forma como o *tweet* está escrito (presença ou ausência de estrutura sintática), e pela importância do contexto extralinguístico. Esses autores afirmam que “é a semântica da palavra precedida pelo símbolo # e a natureza da relação que mantém com o *tweet* e seu contexto de emissão que permite a compreensão da função da *hashtag*” (SILVA, 2017, p. 36). A autora chama a atenção para o fato de que a relação da *hashtag* com os elementos da postagem é fundamental para especificar sua função, principalmente em se tratando de imagens.

Com isso, também pode-se dizer que as *hashtags* permitem uma dinâmica massiva de inovações lexicais na língua, seja por meio de criação de novos termos, reutilização de termos já existentes ou importação de termos de outra base, os famosos estrangeirismos. Existe uma série de condicionadores sociais e linguísticos que vão regular essa seleção lexical dos falantes, afinal, a escolha do conteúdo a ser tratado, da forma e de como ele se categoriza a partir da etiquetagem, refletem características pessoais e coletivas dos indivíduos sociais.

Jackiewicz e Vidak (2017 *apud* Silva, 2017) afirmam que ela pode ter ainda funções semânticas, como “temática, localizadora, creditadora, modal, metalinguística e ilocutória”, e que sua função semântica pode ser reconhecida e interpretada através da forma como o *tweet* está escrito (presença ou ausência de estrutura sintática) e

pela importância do contexto extralinguístico. Também explicam que, em termos pragmáticos, as *hashtags* podem servir para inserir a mensagem em todo um fluxo de eventos normais ou extraordinários da experiência humana. Dessa maneira, eles afirmam que as *hashtags* conectam tanto os *tweets* entre eles quanto os *twitteiros*, permitindo uma forte potencialidade de interação, pois possibilitam que uma vasta comunidade responda, por exemplo, a uma mensagem em questão.

Conforme afirma a autora, segundo esses autores que elenca em sua pesquisa, de um ponto de vista pragmático, elas podem servir para diversas funções (inclusive simultaneamente), como (1) informar sobre um evento real ou comentar sobre eventos ao vivo; (2) inscrever publicações em uma categoria ou tema de leitura; (3) tentar transformar o tema da mensagem em um “*trending topic*”; (4) obter informações sobre um assunto; (5) construir uma comunidade de interesses, manter o diálogo e o contato, procurando cumplicidade; (6) participar de ações coletivas; (7) construir seu próprio “*ethos*” (fundamentalmente um processo iterativo de influência sobre o outro), para expressar suas ideias e posições pessoais; (8) denunciar ou defender um conceito, uma pessoa ou uma organização (SILVA, 2015).

Para tratar ainda de um ponto de vista pragmático, a autora menciona também o estudo de Scott (2015), que afirma que as *hashtags* funcionam como guia inferencial, dispositivo de realce e conectores discursivos. Dessa forma, são como um guia para os processos inferenciais do leitor na interpretação do enunciado, contribuindo para a desambiguação, o preenchimento de termos vagos e a designação da referência e, nesse processo, a *hashtag* se mostra como uma alternativa para transmitir a atitude do falante sobre a proposição expressa. Também afirma que serve tanto para orientar o leitor com informações explícitas, quanto para orientar os processos inferenciais gerais (SILVA, 2017).

Acreditamos que a relação da *hashtag* com elementos do texto em que está inserida não só especifica a sua função, mas também designa o seu sentido, resultado da forma como está concatenada com os outros enunciados do texto do qual faz parte, assim também com o acontecimento que instaura, isso porque, como poderemos assimilar melhor no capítulo a seguir, em que trataremos da Semântica do Acontecimento, toda enunciação terá uma ordem de acontecimento que atribuirá uma significação. Dessa forma, podemos dizer que esses enunciados não podem apenas ter um significado isolado ao momento que se diz, devido à premissa da existência do curso da história.

3. A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Neste capítulo, buscaremos tratar da Semântica do Acontecimento (2018), utilizando dos conceitos fundamentais que o próprio autor propõe para entendimento de sua teoria, como acontecimento, temporalidade, espaços (políticos) de enunciação, cena enunciativa e divisão do locutor, assim como do diálogo que Guimarães (2002) estabelece com outros estudiosos da linguística para sua proposta teórica, como Bréal, Benveniste, Ducrot e outros.

Para isso, faremos um percurso em que trataremos da significação a partir das revisões de Guimarães sobre semântica e acontecimento, em que descreveremos melhor os pressupostos da sua proposta teórico-metodológica, como a descrição do enunciado a partir da noção de uma semântica histórica da enunciação. Também notaremos que para o estabelecimento do sentido, alguns fatores entram em cena, como o conceito de temporalidade, o de espaços de enunciação (espaços políticos porque históricos), divisão (social) de locutores etc. Todos esses conceitos representam o método de descrição do sentido que o autor propõe, muitas vezes através do DSD (Domínio semântico de determinação).

Esse método, melhor descrito na última seção deste capítulo, evidencia que uma palavra ou expressão vai significar a partir de sua integração com outras e com o texto. Isso nos faz refletir sobre uma questão importante acerca da significação: que um elemento irá significar a partir de sua relação com o enunciado e com o texto, garantindo um sentido para um enunciado a partir de onde ele é considerado. A esta atribuição de sentido, Guimarães (2017) chama de designação de uma palavra.

3.1. Pressupostos iniciais da proposta teórico-metodológica da Semântica do Acontecimento

Bréal, ainda no século XIX, chama a atenção para o fato de que a significação é fundamental no estudo da linguagem, porque a linguagem interessa, antes de tudo, porque ela significa. Segundo Guimarães (2018), a linguagem significa o mundo a partir da designação, tornando possível falar dele, assim como fazer referência às coisas. Em seus estudos, o autor analisa o funcionamento dos nomes, com um viés

teórico-metodológico voltado para análises enunciativas. O teórico aproxima a designação com

a significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria significação não enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

Para o teórico, significação é o que se apresenta por aquilo que se diz, e constitui o centro do interesse pela linguagem, sendo a semântica a disciplina científica que a estuda, enquanto se ocupando do funcionamento da língua e da linguagem. Como define, essa semântica irá considerar que não se trata apenas de palavras em si mesmas, em estado ideal, de dicionário, de exemplo gramatical ou algo parecido, mas de considerar o que se diz, caracterizado por ter ocorrido e ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu etc.) (GUIMARÃES, 2018).

Sendo assim, a significação é então produzida pela enunciação a partir de alguém e de algum material de linguagem específico. Por enunciação, o autor entende como o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua. Considerando isso, avançando na teoria de que trataremos a seguir, a qual denomina de Semântica do Acontecimento, considera ainda que este dizer algo, produzir significação, se dá num acontecimento em uma certa língua.

No livro em que inaugura *A semântica do acontecimento*, Guimarães (2002) propõe uma série de estudos no campo da teoria da linguagem que revisam conceitos como o de semântica e o de acontecimento, propondo um método teórico-metodológico voltado para a observação do acontecimento do dizer. Para tal, elenca três grandes fatores que são de fundamental importância para o estudo da significação: a língua, o sujeito (e sua relação com o mundo) e a temporalidade do acontecimento. Segundo o autor, o acontecimento da linguagem se faz pelo uso da língua, e seus fatores externos podem contribuir para um entendimento do seu funcionamento, sobretudo no que diz respeito à significação.

O seu modelo, consolidado nos estudos linguísticos como uma semântica histórica da enunciação, pesquisa a constituição histórica do sentido, levando em conta aspectos sociais relacionados com a história e os contextos de uso da língua. Trata-se, então, de um modelo que visa ao estudo da constituição histórica do sentido,

que o autor considera como “significação dos enunciados, constituído pela integração do enunciado ao texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 18). Para o teórico, o enunciado é a unidade de análise de seus estudos, conceituando-o como a unidade da linguagem, produto do acontecimento da enunciação. O autor considera ainda que o acontecimento da enunciação é produzido pelo funcionamento da língua em espaços de enunciação, conceito-chave decisivo do seu pensamento, pois é nos espaços de enunciação que “os falantes das línguas que os constituem politicamente são agenciados, também politicamente, a dizer segundo uma divisão de lugares de enunciação nas cenas enunciativas” (GUIMARÃES, 2018, p. 8).

Segundo Guimarães (2017), a Semântica do acontecimento analisa o sentido da linguagem localizando-se no estudo da enunciação, no acontecimento do dizer, que considera o que se diz nos enunciados como algo substancialmente construído na linguagem. Dessa forma, as expressões linguísticas vão significar em um enunciado a depender da relação que possuam com o acontecimento em que funcionarem, produzido pela enunciação no funcionamento da língua. Isso sugere uma análise do sentido da linguagem a partir do estudo da enunciação, do acontecimento do dizer. Trata-se de uma teoria que tem como ponto de partida para operação de análise do sentido o enunciado, a partir da investigação da relação de suas formas enquanto enunciado de um texto.

O autor descreve o enunciado a partir do ponto de vista da enunciação, para qual "o enunciado é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa" (GUIMARÃES, 2018, p. 15). Dessa forma, sugere que devemos pensar um enunciado de um texto como significando enquanto integrado ao todo do acontecimento, do texto. Assim sendo, é imprescindível considerar que as formas funcionam em um enunciado como funcionando em um texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto. A esta relação entre as unidades, Benveniste (1966) denominou de integrativa.

Segundo Benveniste (1966), trata-se de um movimento interno limitado aos enunciados, não permitindo passar de seus limites. Para ele, essa relação de integração produz o sentido. Guimarães (2017), a partir também da posição de Bréal (1897) na formulação da semântica, para quem o sentido se produz pelo afastamento do étimo, na medida em que as palavras se afastam de sua origem, amplia esta noção de integração, afirmando que é possível uma passagem do enunciado para o texto, para o acontecimento, que não é segmental.

Para Guimarães (2018), o enunciado é a menor unidade linguística para análise semântica. Diferente de teorias da linguística textual, que consideram o enunciado como equivalente ao texto, para uma semântica da enunciação, o enunciado não é o texto, mas parte integrante dele. Na sua própria exemplificação para definir melhor esta particularidade, em que utiliza o poema *Neologismo*, de Manuel Bandeira, vemos que “Beijo pouco/falo menos ainda/ Mas invento palavras/” constituem-se como enunciados, cada um por si só, com uma consistência interna e, ao mesmo tempo, com uma independência relativa, pois há uma relação entre eles no texto.

Sendo assim, uma unidade possui um movimento integrativo dentro do enunciado que funciona, de forma que isto lhe atribui uma consistência interna e independência relativa. Funcionando dentro de um texto, caracteriza o enunciado como uma unidade de linguagem determinada, que atua em prol do modo de o texto integrar tais unidades. A esta relação ele denomina sentido. Para o autor, o sentido então é histórico, constituído na relação do sujeito com a língua.

Portanto, uma vez que o sentido de um enunciado se dá através de sua independência relativa aliada à consistência interna de um enunciado que o faz significar, não lhe reduz assim a apenas uma sequência de sons, ou de palavras, ou de formas, simplesmente. O enunciado, nesse sentido, será uma unidade de linguagem que apresenta relação de integração no seu funcionamento, e é a unidade de análise de um semanticista da enunciação.

3.2. Enunciação e acontecimento

Segundo Guimarães (2017), como vimos, a enunciação é um acontecimento que produz sentido. Isso significa dizer que é por meio dela que ocorre o funcionamento da língua. Ainda, segundo o autor, uma dada língua e seus falantes (falante aqui tido como uma categoria linguística e enunciativa) constituem um lugar de dizer, que, em relação com a língua, formam o já mencionado “espaço de enunciação”. Este funcionamento ocorre na produção da enunciação por parte dos falantes na relação entre a língua e o falante, que não constitui um ser físico necessariamente, pois os espaços de enunciação possuem um caráter múltiplo, uma vez que esses espaços se dividem no tempo por condições históricas diversas, algo que o estudioso chama de “processo histórico do funcionamento da linguagem e das línguas” (GUIMARÃES, 2018, p. 34).

A enunciação, como já enfatizado, diz respeito àquilo que ocorre quando se diz algo, e tal ocorrência é o acontecimento, o que o autor chama, de modo mais específico, de acontecimento do dizer (GUIMARÃES, 2018). Ainda, o acontecimento do dizer se dá pelo funcionamento da língua, e ocorre em um espaço de enunciação específico. Pode-se dizer então que o espaço de enunciação se manifesta como o conceito fundamental nesse arcabouço de noções, pois é o que permite o funcionamento das línguas.

Para a teoria, a língua, definida a partir do espaço de enunciação, é caracterizada como um conjunto sistemático de regularidades com as quais é possível dizer algo verbalmente. Possui elementos linguísticos como sons, palavras, formas etc., que são descritos segundo categorias específicas. Esses elementos se caracterizam porque se combinam de um certo modo também estabelecido especificamente, apresentando modos regulares de combinação quando alguém diz algo em acontecimentos específicos, ou seja, na enunciação. Dessa maneira, o funcionamento da língua produz sentido. (GUIMARÃES, 2018).

Nesse funcionamento, a língua determina o falante, agenciando-o como seu, de forma que não se trata, portanto, de uma pessoa física, mas de uma figura linguística. Mais adiante, notaremos que o que caracteriza esse agenciamento é um fator político, a partir de uma distribuição desigual dos falantes. Antes, é interessante atentarmos melhor para esse espaço de relação de línguas, no qual elas funcionam na sua relação com os falantes.

O espaço de enunciação como fator para o funcionamento da língua permite o fenômeno da designação, que é um acontecimento enunciativo produzido através da linguagem que constitui sentidos. A designação é propriamente social e cultural, pois estabelece, por meio da nomeação, um recorte do mundo, dando sentidos para coisas que existem, o que vai acontecer diferentemente de sociedade para sociedade e de cultura para cultura, por se tratar de contextos enunciativos diferentes. Nota-se, então, que a noção de designação que o autor desenvolve em sua semântica da enunciação não se confunde com a de referência ou de denotação.

Sendo assim, a designação se dá por uma construção enunciativa, a partir do funcionamento semântico dos enunciados no texto, em virtude de suas relações de integração no enunciado e do enunciado ao texto (GUIMARÃES, 2018). É interessante frisar que, nesta pesquisa, trataremos desse fenômeno em especial, propondo-nos a descrever como as relações entre os elementos linguísticos dos enunciados os

apresentam enquanto integrados ao texto, no caso específico das *hashtags* funcionando em *tweets*.

Dessa maneira, o sentido é produzido através da enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. O sentido é então originado do enunciado, construído por meio de sua integração com o texto. Como já mencionado, segundo Breál (1897), o sentido das formas linguísticas é produzido quando as palavras se afastam de sua origem etimológica, o que faz Guimarães (1998) pensar que as formas ganham corpo no movimento de relação (integração) também com a história dos textos em que aparecem. Ou seja, com a história do acontecimento da enunciação, do acontecimento do dizer, do que ocorre quando se diz algo.

A enunciação é então isto que ocorre quando algo é dito, pois o acontecimento da enunciação se mostra como um acontecimento de linguagem. Para tal, este acontecimento ocorre num espaço de enunciação específico, fazendo diferença na sua própria ordem, uma diferença que se dá porque o acontecimento temporaliza. Para entendermos melhor o que isso quer dizer, é preciso que aprofundemos este aspecto do acontecimento, no que concerne à temporalidade. Veremos, a seguir, entre outras questões, que a noção de temporalidade nesse arcabouço teórico foge ao conceito tradicional de tempo cronológico, em que os acontecimentos são descritos como que ocorrendo no curso do tempo em sua dimensão empírica.

3.3. Acontecimento e temporalidade

Segundo Guimarães (2019), o acontecimento não é um fato no tempo. O acontecimento temporaliza. Sendo assim, o acontecimento não pode ser tido como uma ocorrência empírica, como a simples noção de que algo ocorre em determinado momento. Os eventos do mundo são tidos comumente como acontecimentos, mas a definição de acontecimento aqui proposta é da ordem do simbólico. Alguém roubar uma obra de arte pode ser um ato significativo ou pode simplesmente ter fins lucrativos, um significativo puramente material. Nesta medida, é na relação dos eventos do mundo com a significação que lhes atribuímos que o acontecimento constitui temporalidade, pois é na ordem em que algo é considerado que lhe dá o sentido de acontecimento específico.

Sendo assim, o acontecimento não está no tempo, mas sim compõe a sua temporalidade, o que quer dizer que é da ordem do acontecimento configurar sua

própria ordem. A temporalidade do acontecimento constitui o seu próprio presente. Neste aspecto, o autor rechaça o que sugere Benveniste (1974), que tem o tempo da enunciação como constituído pelo locutor quando enuncia. Em contrapartida, “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2017).

Isso acontece porque, como o próprio autor descreve, ainda lançando mão do poema de Manuel Bandeira, Neologismo, é o acontecimento quem temporaliza. Em “Do acontecimento à metalinguagem: uma análise enunciativa do poema “Neologismo” de Manuel Bandeira”, Assis e Ferraz (2021, p. 471) demonstram

A noção de temporalidade, portanto, não está relacionada ao conceito de tempo cronológico, já que o acontecimento não é um fato no tempo; ao contrário, é o acontecimento quem temporaliza. Em Guimarães (2018), encontramos análise do poema Neologismo, de Manuel Bandeira, para tentar nos encaminhar para uma melhor compreensão da afirmação sobre acontecimento e temporalização. Dessa análise, depreendemos dos versos “Beijo pouco, falo menos ainda. Mas invento palavras” que há um passado de sentidos em que a invenção de uma palavra não é comum – o que pode ser identificado a partir da relação sintática com a conjunção “mas”. Por outro lado, a invenção de uma palavra, o “neologismo”, dada pelos versos “inventei, por exemplo, o verbo teadorar. Intransitivo. Teadoro, Teodora” faz significar algo futuro, pois há um novo verbo na língua.

Dessa maneira, é próprio do acontecimento um depois incontornável, sendo assim, próprio do dizer. Por meio do presente, a temporalidade configura o que o autor chama de latência de futuro (ou futuridade). A temporalidade do acontecimento produz, ao mesmo tempo, o seu próprio presente, e um depois que propicia um lugar para os sentidos, ao passo que permite fazer-se passado enunciações que se dão como pertencentes à nova temporalização. Ou seja, não está meramente no campo de uma rememoração de fatos anteriores, pessoais ou públicos da enunciação ocorrida, mas no sentido de enunciações passadas que se apresentam como sentido de uma enunciação.

É nessa futuridade que o acontecimento se instala, sendo responsável pelo funcionamento da linguagem, uma vez que não há acontecimento sem linguagem. O autor diz ainda que sem essa latência de futuro não é possível existir nada de interpretável, pois todo acontecimento de linguagem vai significar porque projetará em

si mesmo um futuro. O acontecimento será sempre uma temporalização nova, sem a qual não é possível o sentido, o acontecimento da linguagem, a enunciação.

Para Guimarães, Benveniste se limita ao tratar da temporalidade do acontecimento como originada pelo dizer de um Locutor, pois sugere uma disparidade temporal entre o tempo do acontecimento e a representação da temporalidade pelo Locutor. Segundo essa visão, o Locutor fica inacessível àquilo que enuncia, não estando onde a enunciação significa sua unidade (tempo do Locutor). Em dissonância, o autor sugere que “o locutor está dividido no acontecimento. E está dividido porque falar, enunciar, pelo funcionamento da língua no acontecimento, é falar enquanto sujeito” (GUIMARÃES, 2017, p. 19). Nesse sentido, o autor está em conformidade com Orlandi (1999), que coloca o sujeito em seus estudos de análise do discurso, para qual ser sujeito é ser sujeito de seu dizer, falar de uma posição de sujeito. Dessa forma, o acontecimento

de linguagem não se dá no tempo, nem no tempo do locutor, mas é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes, mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo (dimensão empírica) (GUIMARÃES, 2017, p. 20).

Esse conjunto de noções faz considerar que a língua não pode ser tida como algo abstrato, mas como algo de natureza histórica. Dada pela prática humana, a produção de significações (a linguagem) está atrelada a relações que viabilizam o funcionamento desta prática. Ou seja, a temporalidade do acontecimento é constituída pelo funcionamento da língua enquanto relação entre línguas e falantes, pois é inconcebível a existência de línguas sem falantes e de falantes sem línguas. O falante não pode ser confundido como uma figura empírica ou psicológica, mas como constituído pelas línguas, o que o coloca como uma figura intrinsecamente linguística. O falante é então uma categoria linguística e enunciativa. Neste sentido, o autor vai de encontro a Ducrot (1972), que coloca o falante como uma figura físico-fisiológica e psíquica, apesar de concordar que o falante não é um personagem da enunciação. Sendo assim, o falante é uma das figuras da enunciação, uma figura política constituída por um espaço de relação de línguas com falantes a que Guimarães vai

chamar de espaços de enunciação, que serão mais bem descritos a seguir como espaços políticos de funcionamento de línguas.

3.4. Os espaços de enunciação como espaços políticos

Como enfatizado anteriormente, os espaços de enunciação são os espaços de relação de línguas, nos quais elas funcionam na sua relação com os falantes. Assim não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa. Um aspecto importante na configuração do espaço de enunciação é que as línguas do espaço de enunciação são distribuídas de modo desigual, ou seja, não se é falante das línguas deste espaço da mesma maneira. O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas (GUIMARÃES, 2018).

A existência de diferentes espaços de enunciação permite uma relação complexa entre falantes e línguas. Ou seja, não se pode falar em unidade, já que essa noção coloca línguas em relação com línguas e falantes com falantes. Essa dinâmica histórica constitui um aspecto importante nas relações estabelecidas pelos espaços de enunciação, o que justifica o seu aspecto político. Sendo assim, pautada na história e em espaços, a enunciação terá uma ordem de acontecimento que atribuirá uma significação. São essas noções que nos permitem elucidar que enunciar (dizer algo) não pode apenas ter um significado isolado ao momento que se diz, devido à premissa da existência do curso da história.

Conforme Guimarães (2017), o espaço da relação entre línguas e falantes é um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas. Esse litígio caracteriza esse espaço como um espaço político, portanto. Nesse sentido, o conceito de espaços de enunciação deve ser atravessado pelo conceito de político. Para Guimarães (2017), o político é algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e o acontecimento da enunciação, e que é “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (p. 22). O que Guimarães caracteriza como desigualdade se refere à distribuição desigual das línguas para seus falantes, uma divisão dos lugares da enunciação na relação entre línguas.

Essa projeção coloca, de um lado, aquele que diz, constituindo o Locutor, agenciado por uma sistematicidade linguística, e do outro, os alocutores, constituído por lugares sociais de dizer, distribuídos também desigualmente. O real é então

definido como um conflito caracterizado como desigual, uma desigualdade que se apresenta como necessária, instalando no centro do funcionamento da linguagem o político. Dessa forma, o político é inerentemente próprio a esta divisão que afeta materialmente a linguagem, uma vez que o homem fala, e está sempre a assumir a palavra, mesmo até se acaso essa lhe for negada.

Esse conflito vai dividir e redividir o real incessantemente pelas instituições que o organizam, na medida que organizam a divisão dos lugares sociais e suas relações quando lhes atribui sentido, o que implica recortar o mundo das coisas para significá-lo. Dessa forma, o político estabelece uma normatividade caracterizada por uma contradição que, ao mesmo tempo que estabelece de forma desigual uma divisão do real, afirma o pertencimento dos que não estão incluídos. Essa afirmação de pertencimento geralmente é tida como abuso, impropriedade, e o poder se esforça em silenciar, em práticas homogeneizadoras marcadas por uma natureza administrativa, ou até mesmo policial, este último tido como contrário à política, nos termos de Racière (1992) em *La mésentente*, a que Guimarães (2017) evoca preceitos para abordar o político. Assim também para tratar do conflito, o autor está em consonância com o que Orlandi (1990) apresenta em *Terra à vista*, em que nos vários trabalhos que compõem o livro a autora mostra que há um apagamento do índio secular por meio da língua, de forma que colonizador e colonizado nunca estão falando a mesma coisa.

Para caracterizar o espaço de enunciação como político, Guimarães (2018) também lança mão dessa situação histórica de muitos séculos desde o início da colonização portuguesa no Brasil. A chegada dos portugueses no Brasil configura uma alteração no espaço de enunciação existente, de forma que, desde então, aquele espaço de línguas e falantes é constituído por outra língua e seus falantes, produzindo um conjunto de relações entre língua portuguesa e seus falantes e línguas indígenas e seus falantes. Um espaço que não constitui um espaço físico, mas um espaço de línguas e seus falantes, gerando um novo cenário de línguas e de novas relações, de forma que ambos os falantes serão diretamente afetados pela língua alheia, estando diante dela e também falando esta outra língua, ocasionando uma reorganização do espaço de enunciação das línguas no Brasil.

os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer.

São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta ontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político (...) (GUIMARÃES, 2017, p. 25).

Dessa forma, os espaços de enunciação definem a enunciação não como prática individual ou subjetiva, pela assunção de um indivíduo, mas como prática política. Quem fala assume uma palavra no espaço dividido de línguas e falantes, configurando, segundo Guimarães (2017), uma obediência/ou disputa. Na configuração deste embate entre línguas e falantes inerente aos espaços de enunciação, tem-se falantes tomados por agenciamentos enunciativos, um agenciamento afetado politicamente. Nesse agenciamento do falante a dizer, constitui-se o que o autor chama de cena enunciativa, em que o acontecimento da enunciação produzirá sentido a partir dos lugares de enunciação distribuídos (desigualmente), que configuram o funcionamento da alocação. A seguir, vamos caracterizar esses denominados “lugares de dizer”.

3.5. Cena enunciativa e divisão de Locutor

A cena enunciativa se organiza de forma que a palavra enunciada se origina de uma fonte do dizer, e esta fonte do dizer, para a Semântica do Acontecimento, é o próprio Locutor (L). Portanto, antes de definirmos a cena enunciativa, é importante expor alguns conceitos cruciais ao conceito, como o de Locutor (L), Sujeito Empírico (SE) e Enunciador (E), sobretudo porque em certas medidas são conceitos que se afastam das noções que Ducrot (1972) lhes atribui em sua Teoria da Argumentação na Língua.

O Locutor (com letra maiúscula ou apenas L), além de representar-se no dizer como fonte do próprio dizer, representa o tempo do dizer como contemporâneo do Locutor, e, em seguida, representa o dizer como o que está no presente formado por este locutor (GUIMARÃES, 2017). É importante ressaltar que o Locutor, enquanto origem do dizer, se divide, pois, para ocupar o lugar de Locutor, é preciso estar afetado pelos lugares sociais que o autorizam a falar. Segundo Guimarães (2017, p. 32), “para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor” (locutor-x). Sendo assim, ao dizer A mas B, o falante, tomado pelas sistematicidades linguísticas, constitui-se então em

Locutor, se apresentando como aquele que diz A mas B. Ou seja, o falante é agenciado em Locutor pelo funcionamento da língua no funcionamento da enunciação, na cena enunciativa. Assim, na cena enunciativa, o locutor-x refere-se aos lugares sociais do dizer (papéis enunciativos), conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro #2: Tipos de lugares sociais

Lugares sociais do dizer (Papéis sociais)
Locutor-pesquisador
Locutor-professor
Locutor-músico
Locutor-artista etc.

Fonte: Elaborado pelo autor

Esta disparidade garante a enunciação, pois o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social, noção que o autor atribui um x (locutor-x), como, por exemplo, locutor-presidente:

Figura #6: Exemplo de decreto do presidente da República

DECRETO Nº 10.344, DE 11 DE MAIO DE 2020	
	Altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais.
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA , no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020,	
DECRETA :	
Art. 1º	O Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, passa a vigorar com as seguintes alterações:
*Art. 3º
§ 1º

LIV	- atividades de construção civil, obedecidas as determinações do Ministério da Saúde;
LIV	- atividades industriais, obedecidas as determinações do Ministério da Saúde;

Fonte: planalto.gov

Ao ser constituído, o acontecimento da enunciação irá produzir sentidos. Nesse exemplo, o falante é agenciado politicamente, constituindo a cena enunciativa. Nessa cena, para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, ele enuncia a partir de um lugar social de locutor. O lugar social em questão é então um locutor-presidente, que fala enquanto predicado por esse lugar social. Assim, existe uma distinção entre o Locutor e o lugar social do locutor, de forma que é só enquanto lugar social (locutor-presidente) que ele se dá como Locutor, garantindo uma disparidade da

qual a enunciação origina. Essa disparidade constitui o Locutor e o locutor-x, uma disparidade entre o presente do Locutor e a temporalidade do acontecimento.

A cena enunciativa é então produzida pelo agenciamento político da enunciação. O falante, agenciado politicamente, constitui a cena enunciativa, produzida pelo acontecimento da enunciação. Nessa cena, configura-se uma articulação entre locutor e alocutor na alocução. O Locutor, falante agenciado, aquele que diz, um eu que pode ter conhecimento ou desconhecimento que fala de algum lugar, fala de seu lugar de dizer, um lugar que divide o falante entre o lugar que diz e o lugar social de dizer, um lugar oficial, a que Guimarães (2017) vai chamar de alocutor⁸. Nesse entendimento, de um lado, o Locutor se apresenta como o lugar que diz, e, de outro, o lugar que diz só diz enquanto de um lugar social do dizer. O agenciamento do falante a falar enquanto agenciado a enunciar, se divide então em um lugar que diz (Locutor), e um lugar social de dizer (alocutor). Ainda um outro lugar de dizer também constitui a cena enunciativa, o enunciador, a qual detalharemos a partir dos exemplos mais posteriormente.

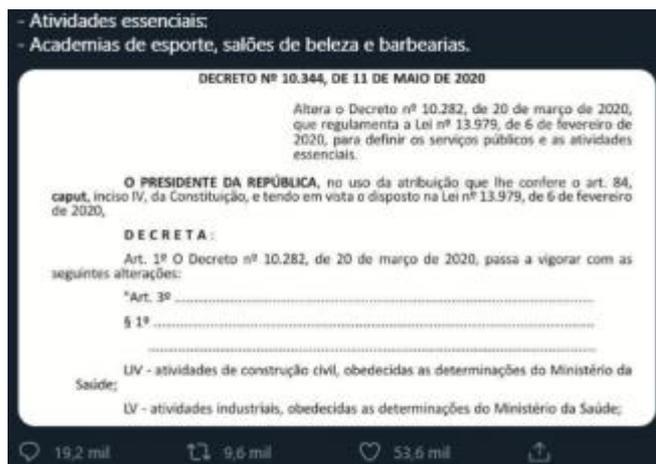
Guimarães (2005) diz ainda que essa representação de origem do dizer é dividida na sua própria representação de unidade e de parâmetro do tempo, uma vez que para estar no lugar de Locutor é preciso estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, a partir também de um modo e uma língua (enquanto falantes). Sendo assim, para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor (p. 24).

No exemplo anterior (figura #6), o Presidente da República decreta X, não porque alguém se dá a si ser a origem do que decreta, mas porque enquanto Presidente ele pode se dar como origem daquilo que decreta, do ato de decretar. Isso significa dizer que assumir a palavra para decretar só é possível numa forma que o Locutor, que se dá como origem do dizer, só o é enquanto constituído como um lugar social de locutor, ou seja, o de locutor-presidente, de forma que ele só possa falar enquanto predicado por um lugar social, no caso locutor-presidente.

É por isso que, no exemplo a seguir, só parece que aquele que decreta é a origem do decreto, pois na forma como se configura a cena enunciativa, o *decreta* é só marca da representação da origem, representando o presente do acontecimento como outro tempo do dizer, uma vez que o Locutor é predicado por outro lugar social, de forma que o Locutor está diretamente separado do locutor-presidente que decreta.

⁸ Dessa forma, o locutor-x, anteriormente citado, é denominado, a partir de Guimarães (2017), de alocutor. Essa será, portanto, a nomenclatura usada neste trabalho.

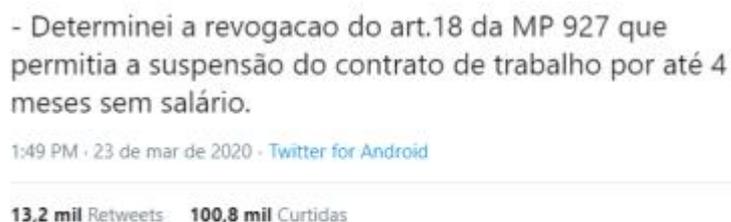
Figura #7: *Tweet* de usuário da plataforma com intertexto



Fonte: *Twitter*

Sendo assim, o lugar de Locutor se representa como lugar de dizer meramente. Um lugar de dizer que se representa como individual, a que Guimarães chama de enunciador. Nesse caso em análise, temos então um enunciador-individual, assim como também no próximo exemplo, mesmo que dessa vez o enunciado de que se trata (MP 927) não seja evocado.

Figura #8: *Tweet* de usuário da plataforma sem intertexto



Fonte: *Twitter*

Considera-se, então, que a cena enunciativa se constitui, de um lado, de lugares sociais do locutor, papéis enunciativos, como locutor-político, locutor-professor, locutor-cientista, e, de outro, de lugares de dizer, o que, para o autor, são os enunciadores. Atentando para a dinâmica histórica que Guimarães (2017) considera ao tratar da relação linguística (simbólica) remetida ao real, estes enunciadores, mesmo que aparentemente independentes do curso da história, são lugares próprios de uma história. O autor considera pelo menos três tipos de enunciador: um individual (quando a enunciação representa o Locutor como independente da história), um

coletivo ou genérico (quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todo em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos), e um universal, quando a enunciação representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso.

Na cena enunciativa, conforme vimos no exemplo anterior, a enunciação é produzida pela divisão do Locutor. Segundo Guimarães (2017), trata-se de um funcionamento em que o Locutor é dividido pelo próprio jogo de se representar como idêntico a si, mesmo que díspar, em um processo pelo qual a enunciação apaga seu caráter social e histórico. O Locutor é então representado no acontecimento como independente ou fora da história. Uma divisão que resulta das condições do espaço de enunciação, de um lado as línguas, suas sistematicidades próprias, de outro os falantes e suas relações com suas condições históricas de existência. O falante, por ser constituído pelas relações históricas entre línguas, entre línguas e falantes e entre falantes e falantes, dá espaço a um litígio linguístico, um litígio histórico, advindo do caráter político próprio da cena enunciativa. Dessa forma, na dinâmica da cena, o lugar social do dizer é considerado para que se abra a possibilidade de analisar esse confronto que é próprio da enunciação, em virtude de sua relação com os lugares de dizer.

Neste embate ilustrado, é decisiva a dinâmica dos lugares de enunciação, que, constituída pelo modo de relação entre os lugares da enunciação, vai permitir um lugar de dizer ao mesmo tempo que os outros. Nessa concomitância muito específica, modos diversos de significar serão possíveis, modos pelos quais o acontecimento mostra seu modo de funcionamento semântico, comentando indiretamente o próprio dizer da cena.

Na cena considerada anteriormente (figura #8), há a produção de uma divisão dos lugares da enunciação a partir do agenciamento do falante a dizer, um dizer que relaciona o lugar que diz a um lugar ao qual se diz. O modo de relação operante em questão se dá pelo que Guimarães (2017) chama de apresentação, que consiste em um lugar de enunciação mostrar-se como quem faz conhecer um dizer de outro lugar, coexistente ao seu próprio dizer. O autor vai dizer ainda que o modo de relação pode também se dar por alusão, em que um lugar de enunciação irá evocar um outro lugar de enunciação e o que se diz a partir deste lugar, não constituindo necessariamente uma citação, ainda que indireta, do dito em outro lugar, uma vez que se trata de relações de lugares coexistentes.

Sintetizando, no exemplo, o alocutor-presidente apresenta o dizer de um enunciador, produzindo uma sustentação específica para o que se diz. Na cena do alocutor-presidente, um enunciador é apresentado pelo seu lugar social de dizer (alocutor-economista), para amparar o que se diz acerca da economia. A locução vai se dar então em uma relação com o lugar de dizer com o que se diz e como. No caso, o lugar social de presidente se apresenta a partir de um sujeito falando de uma região do interdiscurso (da posição de sujeito político), que fala acerca de pautas políticas, como a economia.

Para irmos mais a fundo na observação dos enunciados desses exemplos, teríamos que indicar as relações de determinação semântica estabelecidas no texto, algo que pode ser analisado a partir da observação do que o autor chama de configuração do Domínio Semântico de Determinação, que permite chegarmos à designação de palavras e expressões a partir da relação que possuem com outras no acontecimento de enunciação. Portanto, para finalizar este capítulo teórico, iremos lançar mão dessa parte da teoria de Guimarães, e, em seguida, seguiremos para os procedimentos de análise, em que novamente será discutida, uma vez que irá compor o percurso de nossa análise.

3.6. A Designação e o Domínio Semântico de Determinação

Como visto, a forma como uma cena enunciativa é dinamizada indica as relações de dizeres que são internos a ela. Conforme Guimarães (2017), a forma como os enunciados funcionam dentro de um texto constituem o enunciado, em virtude de uma integração entre estes enunciados e do enunciado ao texto. Sendo assim, uma palavra ou expressão vai significar a partir de sua integração com outras e com o texto. Isto nos faz refletir sobre uma questão importante acerca da significação: um elemento irá significar a partir de sua relação com o enunciado e com o texto, garantindo um sentido para um enunciado a partir de onde ele é considerado. A esta atribuição de sentido, Guimarães (2017) chama de designação de uma palavra. Dessa maneira, a constituição da designação se dá nos acontecimentos enunciativos, movimentando os lugares de enunciação envolvidos, por uma dinâmica que é própria do funcionamento dos enunciados.

Ainda segundo o autor, em sua semântica do acontecimento, a designação não deve ser confundida com referência. A designação identifica objetos, sendo assim o que existe passa a ser tomado pela linguagem em virtude do que uma expressão irá significar em um enunciado específico de um texto específico. Já a referência de uma expressão linguística é “a particularização de algo na e pela enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 9). Dessa forma, a designação é crucial em relação à referência, decorrente da designação que venha a ser constituída. De certa maneira, constitui então uma relação com o real pela qual podemos falar acerca, garantindo uma relação entre a linguagem e o mundo, este significado pela linguagem ao invés de existente propriamente.

Isso significa dizer que essa relação faz com que seja possível fazer referência a coisas particulares em situações particulares de enunciação. A designação enquanto relacionada com o mundo permite a produção de uma partilha do real que faz com que os elementos desta partilha sejam identificados, permitindo assim ser possível estabelecer referência ao que foi identificado pela designação. A designação tem por essencial então ser o sentido de uma expressão pelo qual se recorta o real, o mundo das coisas. Nesse sentido, a linguagem é o que fornece condições para se falar das coisas ou de algo para alguém.

Para chegar à designação de uma palavra ou expressão, é preciso uma análise da relação que esta palavra ou expressão possui com outras no acontecimento de enunciação. Esta configuração do sentido das palavras, enquanto através de sua relação de integração, Guimarães (2017) irá chamar de Domínio Semântico de Determinação (DSD). O DSD considera a forma como uma palavra pode ser analisada, ganhando atribuição de sentido, estando entre outras palavras de um texto numa relação de articulação e reescrituração.

Na relação por articulação, o autor dirá que há uma relação de contiguidade significada pela enunciação. Sendo assim, um modo de relação enunciativa. Uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento. Essa relação pode ser por predicação, complementação, caracterização (relação determinante – determinado)⁹ entre outras, tradicionalmente consideradas no estudo do enunciado. A articulação pode se dar por

⁹ Em nossa análise, buscaremos proceder com os traços -| e |- , utilizados pelo próprio autor para especificar a relação (determina tal, atribui sentido a tal).

dependência, quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento; por coordenação, quando toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes; e, por incidência, que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo.

Por relação por escrituração, o autor entende como um modo pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. A reescrituração acontece quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Neste caso Y reescritura X. Esse modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma como diferente de si. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Uma característica fundamental da reescrituração, ainda nas palavras do autor, é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação, como por repetição, quando o termo é reescriturado por repetição, em que há um redizer de um enunciado; por substituição, como na anáfora; por elipse; por expansão, em que uma sequência constitui o sentido do enunciado que expande; e condensação, quando um enunciado condensa boa parte do que é dito no enunciado anterior.

Essas relações e seus modos, portanto, atribuem o sentido das palavras enquanto estando entre outras palavras de um texto. Para chegar à designação de uma palavra ou expressão, é preciso uma análise da relação que esta palavra ou expressão possui com outras no acontecimento de enunciação. O DSD é, portanto, um método de análise para se chegar ao sentido da palavra ou expressão enquanto através de sua relação de integração.

Conforme explicitado nos objetivos, nossa proposta com a teoria é analisar o processo de designação dos enunciados no *Twitter* a partir das *hashtags*, observando como se dá esse processo de sentido a depender de como os enunciados em que estão inseridas se integrem, enquanto elementos de texto, para com isso examinar de que forma o sentido do enunciado se constitui a partir da articulação comportada pela pertinência entre o memorável e a atualidade do acontecimento desses enunciados.

No capítulo a seguir, em que trataremos dos procedimentos de análise, descreveremos melhor como caracterizaremos a análise do nosso *corpus* a partir desse método e de categorias semântico-enunciativas. Notaremos que, a partir dessas relações, é possível fazer referência a coisas particulares nas situações particulares de

enunciação, permitindo assim uma partilha do real que identifica seus elementos, estabelecendo referência ao que foi identificado pela designação.

4. PROCEDIMENTOS E ANÁLISE

A partir deste capítulo, discutiremos como se deu nossa metodologia, demonstrando todo o procedimento do trabalho com os enunciados selecionados para análise utilizando das noções aqui elucidadas sobre a natureza do funcionamento das *hashtags* e a Semântica do Acontecimento (2002). Já evidenciamos que tal escolha teórica sugere um modelo de leitura de enunciados a partir da atribuição de sentido na designação de palavras, em que teremos um elemento significando a partir de sua relação com o enunciado e o texto, ou seja, a partir de onde ele deve ser considerado na dinâmica de atribuição de sentido.

Sendo assim, na primeira seção, apresentamos o nosso procedimento de análise, descrevendo todo o processo a partir da sondagem, recorte e análise do acontecimento de enunciação das *hashtags*; e, na segunda seção, a análise do funcionamento dessas *hashtags*, lançando mão de categorias semântico-enunciativas, pois acreditamos, como Guimarães (2018) descreve, que, por meio da análise de enunciados específicos, podemos formular o modo como funcionam expressões em línguas diversas quando enunciadas.

4.1. Procedimentos metodológicos

Antes de tudo, conforme Guimarães (2018) sugere, precisamos pensar que a análise deve considerar os aspectos a serem estudados em enunciados existentes, para não ficarmos ao sabor de enunciados repetidos que não nos levam a uma compreensão mais específica dos elementos linguísticos que queremos analisar. Portanto, é importante ressaltarmos que lançaremos o olhar especificamente para o fenômeno da designação na formação nominal da *hashtag* se comportando integradamente com os enunciados produzidos nos enunciados dos usuários, a quem iremos chamar de locutores.

Para tal, tomaremos como procedimento de trabalho a sondagem. A sondagem, segundo o autor, caracteriza-se por ir em busca de um enunciado em um recorte do acontecimento de enunciação, para assim explorá-lo enquanto elemento deste recorte e integrado ao texto que se recorta. Por recorte, o autor entende a noção estabelecida no interior da análise do discurso, a qual Orlandi (1984) descreve como uma “unidade

discursiva”. Dessa maneira, o recorte é um fragmento da situação discursiva, do acontecimento da enunciação. Pelo recorte, as formas linguísticas aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência (GUIMARÃES, 2018). Nosso método se dará então a partir desse procedimento de sondagem, que se caracteriza por ser um modo de eleger enunciados que podem ser decisivos para tratar de uma questão, procedendo com uma descrição e análise de seu funcionamento, através de categorias semântico-enunciativas.

Com isso, resolvemos recortar nossos enunciados a partir de *hashtags*, enquanto *hashtags* em um *top-trend* de *hashtags*, no emaranhado de enunciados existentes na plataforma ao redor das *hashtags*. Tal emaranhado é organizado a partir dos *tweets*, os quais serão usados na nossa sondagem, atentando para uma operação de análise semântica, utilizando dos enunciados para a busca de conhecimento acerca do funcionamento de uma forma linguística, as *hashtags*, enquanto enunciados integrados aos enunciados que fazem parte, na dinâmica do texto.

Como já foi considerado, acreditamos que a significação dos enunciados se dá historicamente e através da integração do enunciado ao texto, e que as *hashtags* são produtos do acontecimento da enunciação, produzidas no funcionamento da língua em espaços digitais de enunciação, em que os falantes da língua os constituem politicamente, agenciados, também politicamente, a dizer segundo uma divisão de lugares de enunciação nas cenas enunciativas da plataforma.

A partir do já discutido Domínio Semântico de Determinação, método para chegar à designação das palavras em um enunciado, e assim, portanto, ao seu sentido, observaremos a forma como uma *hashtag* ganha atribuição de sentido estando entre outras palavras de um texto numa relação tanto por articulação quanto por reescrituração, relações essas que vão permitir fazer referência às coisas particulares nas situações particulares de enunciação que recortamos para observar.

Para tal, selecionamos 12 (doze) *tweets* publicados na rede social durante o período de 1 de março de 2020 até 31 de março de 2020. Neste período em questão, o Brasil passou por uma série de acontecimentos conturbados, sobretudo políticos, em virtude de uma crise sanitária global, ao qual o Brasil só iria reconhecer (com diversas ressalvas) muito tardiamente, o que ocasionou fortes tensões ideológicas entre a população brasileira e os representantes do país a nível municipal, estadual e federal. Nesse mês em particular, podemos dizer que o país passou por mudanças bruscas, e

justamente pelas tensões que se desenrolaram a partir disso, resolvemos atentar para um recorte quanto às *hashtags* que condizem à parte da prática política que se deu no momento, e que foi bastante significativa, uma vez que estávamos em um momento de isolamento, o que caracterizou boa parte das mobilizações como digitais, mesmo que boa parte tenha alcançado as ruas, a exemplo das pró-Bolsonaro, ocorridas no mês de março, apesar das recomendações vigentes da Organização Mundial da Saúde.

Dentre esses 12 (doze) *tweets* selecionados, separamos 6 (seis), que correspondem às figuras de #9 a #14, para realizarmos nossa análise, uma vez que as *hashtags*, sobretudo as de temática política que mencionamos, muitas vezes se repetiam de um dia para o outro, persistindo no *top-trend* e no debate do público geral, que vão designar as figuras e situações em tópico. Portanto, fica claro que, para fins metodológicos, recortamos, dentre os diversos acontecimentos recorrentes na época (alguns constatados em *prints* muito acima), os *tweets* que condissessem com política, uma vez que, além da política ser um tema universal e propenso a um funcionamento mais ou menos previsível, acreditamos que, a partir dessa análise, ficará bastante ilustrado o aspecto político da enunciação, pelo conflito que os enunciados em que as *hashtags* selecionadas instauram em seu acontecimento enunciativo.

Conforme Guimarães (2017), este conflito se dá porque o espaço da relação entre línguas e falantes é um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas. Esse conflito caracteriza esse espaço como um espaço político, portanto. O político é algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e o acontecimento da enunciação, e que é “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (GUIMARÃES, 2017, p. 22).

A partir desse recorte, observamos também como os enunciados no *Twitter* não somente trata-se de uma rememoração de fatos anteriores, mas enunciações como sentido de uma enunciação, instaurando o acontecimento e sendo responsável pelo funcionamento da linguagem, uma vez que estes acontecimentos seriam impossíveis sem a linguagem.

Nossa unidade de análise, portanto, será o enunciado. Uma unidade de linguagem encontrada (e que está presente) em acontecimentos específicos. Consideramos que a *hashtag* é produto do acontecimento da enunciação, se constituindo como enunciado dentro dos textos, com diferentes funções, como as semânticas e pragmáticas já discutidas no capítulo sobre o *Twitter*. Sendo assim, a

relação da *hashtag* com elementos do texto em que está inserida não só especifica a sua função, mas também designa o seu sentido, resultado da forma como está concatenada com os outros enunciados do texto.

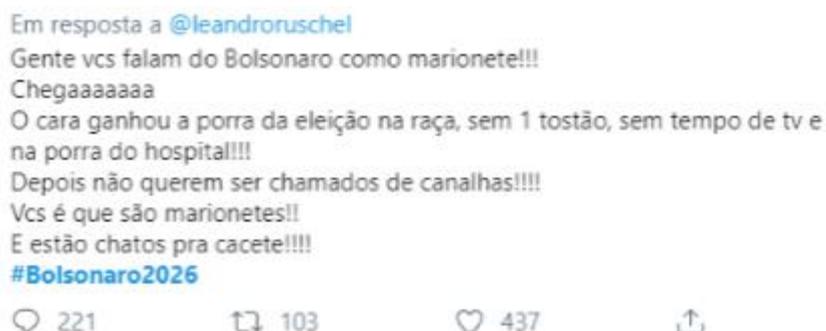
A partir de agora, descrevemos como se deu nossa análise, considerando as relações de lugares e a configuração do Domínio Semântico de Determinação, um método que o autor da teoria vai utilizar para chegar à designação das palavras em um enunciado a partir do funcionamento da palavra na enunciação, e assim, portanto, constituindo seu sentido. Considerando a *hashtag* como ponto de partida, observamos a forma como uma palavra ganha atribuição de sentido estando entre outras palavras nos *tweets*, numa relação que pode se dar por articulação e reescrituração. Vemos que, a partir dessas relações, é possível fazer referência a coisas particulares nessas situações particulares de enunciação da plataforma, o que permitirá a produção de uma partilha do real que faz com que os elementos desta partilha sejam identificados, permitindo assim ser possível estabelecer referência ao que foi identificado pela designação.

Nesta análise, consideramos os *tweets* a partir de sua cena enunciativa, caracterizando o enunciador e alocutor e a dinâmica da relação dos lugares. Também levamos em conta que suas *hashtags* são nomes enunciados de um lugar social de dizer, em que um alocutor-x se manifestará de diferentes formas nesse processo de designação. Um outro aspecto importante a ser considerado é que, ao mesmo tempo que esse alocutor integra a cena, faz alusão a outros acontecimentos de dizer na temporalidade histórica dos enunciados concatenados, garantindo que o sentido referencial se apresente a partir de uma necessidade de reportar-se a um dizer que produz também enunciativamente uma designação, o que revela uma relação da linguagem com as coisas nomeadas enquanto significadas. Essas e outras indicações constituem a nomeação, a partir do caráter auto-referencial das *hashtags*, enunciados-título de enunciados produzidos na rede social.

Iremos observar como funciona essa relação auto-referencial entre enunciações produzidas por usuários da plataforma, constituindo acontecimentos de linguagem, a partir de um olhar para a designação de um nome na *hashtag* se comportando integradamente com os enunciados produzidos nos enunciados dos usuários, os alocutores. Atentamos para como um nome atrelado à *hashtag* de um *tweet* está relacionado pela textualidade com outros nomes funcionando sob a aparência da substituíbilidade, determinando-lhes e predicando-lhes.

4.2. Analisando os tweets

Figura #9: *Tweet* de usuário da plataforma



Fonte: *Twitter*

Na figura acima (#9), podemos considerar diversos enunciados, mas comecemos por

(1) gente, vcs falam do Bolsonaro como marionete!!!

De início, é importante atentarmos para o fato de que se trata de um enunciado que Guimarães (2018) determina como complexo, porque articula um enunciado vocativo “gente” e um enunciado predicativo “vcs falam”. Dessa maneira, cada um dos enunciados possui uma consistência interna e uma independência relativa ao texto em que está.

Isso implica que o enunciado 1a) “gente”, por se apresentar como um vocativo, constitui-se como aquele a quem é dito o que se diz, no plano do agenciamento da língua, dos sentidos constituídos pelo acontecimento. Se atentarmos para a divisão dos lugares de dizer que esse agenciamento propicia, temos um falante que se divide em locutor e alocutor, instaurando assim uma alocação. Nessa alocação, devido também ao vocativo, um locutário é apresentado, como um tu a quem o eu diz. Todavia, este que diz a um tu, diz de um certo lugar social, o de alocutor, na cena, um alocutor-usuário. Portanto, a relação de alocação instaura um alocutário, que não se confunde com o locutário, uma vez que o locutor diz apenas a partir de um lugar social, o de alocutor-usuário. Portanto, pode-se dizer que, na cena em questão, esse tu trata-se de um alocutário-usuário, o que pode ser muito comum na plataforma, uma vez que as mensagens quase sempre se dirigem à própria rede, a rede de usuários da plataforma.

Entretanto, na futuridade do acontecimento do enunciado, é possível observar uma especificidade atribuída a esse alocutário-usuário, mas para descrevermos melhor, transcrevamos aqui o enunciado que atribui essa especificidade:

(1b) vcs falam do Bolsonaro como marionete

Neste enunciado, temos um pronome, que, considerando a relação de integração, alude ao “gente”, vocativo ao qual o pronome está logo após, que atribui um caráter complexo ao enunciado. O que temos aqui? Vejamos. Este pronome é seguido de um verbo no plural. Considerando a relação de integração, o verbo tanto está atrelado ao objeto indireto em seguida, quanto ao pronome que vem anteriormente, que em sua vez está ligado ao vocativo já citado no segmento do texto. Sem considerar ainda o objeto indireto, podemos dizer que este tu a quem o eu se dirige é caracterizado também pelo pronome “vcs”, por extenso, vocês. Mais ainda, esse tu sofre uma especificação pelo verbo e sua regência, uma vez que esse tu que fala, fala do Bolsonaro. Portanto, o “vocês” retoma aqueles que falam do Bolsonaro. Quem são esses? As pessoas que falam do Bolsonaro, evocadas no texto como um enunciador coletivo “gente”. Nessa relação, o alocutor-usuário lança mão da apresentação de seu enunciado. Através da apresentação, no sentido que Guimarães dá, “um lugar de enunciação que se mostra como quem faz conhecer um dizer de outro lugar, coexistente ao seu próprio dizer” (GUIMARÃES, 2018, p. 68), os enunciados em questão são recuperados no texto de forma que não sabemos exatamente como foram ditos, mas podemos, pela apresentação de um dizer de um enunciador coletivo, porque apresenta um relato de algo dito como verdadeiro na relação dos lugares de dizer na cena, inferir que este algo que está sendo dito se refere a Bolsonaro, mais ainda, se refere a Bolsonaro como marionete. Portanto, podemos parafrasear esse enunciado por

(Gente que fala do Bolsonaro, vocês que falam do Bolsonaro, falam do
Bolsonaro como marionete)

Na dinâmica do texto, podemos ver que a palavra *marionete* designa *Bolsonaro*, a partir de uma relação de comparação, que demonstra uma qualidade sobre o elemento evocado, e que é designado, porém não pelo lugar de dizer do enunciador individual que irá rechaçar o coletivo em seguida, mas por esse enunciador coletivo que o individual alude na dinâmica da relação de lugares da cena. O enunciador individual rechaça por repetição o enunciador coletivo que recupera, como sustentação de uma argumentação, que melhor pode ser representada também pela formação

nominal na única *hashtag* presente no *tweet*, a partir de uma construção alfanumérica: **#Bolsonaro2026**. Antes de tratarmos dessa *hashtag* em questão, é interessante salientarmos que, pela forma como descrevemos a cena enunciativa, essa relação de designação se dá por lugares de dizer diferentes. Ou seja, o lugar de dizer que designa Bolsonaro não é o mesmo que designa **#Bolsonaro2026**. Isso porque, como podemos descrever, o alocutor que designa Bolsonaro como marionete não é o mesmo que designa o nome Bolsonaro na *hashtag*, uma vez que, no primeiro caso, temos uma designação recuperada a partir de um enunciador coletivo, e no segundo caso, um enunciador individual, que faz uma avaliação a partir do enunciador coletivo que recupera, que enuncia que o Bolsonaro é marionete.

Esse enunciador coletivo, que é recuperado, será rechaçado na dinâmica do texto, e isso sustenta a argumentação. Pela forma como o mesmo nome é designado, a partir agora de um enunciador individual, como no exemplo da composição da única *hashtag*, marca-se a oposição desse enunciador individual ao que é dito pelo coletivo. Isso porque, seguido do nome próprio, que sabemos se tratar do presidente em vigência, temos uma combinação numérica que alude a um ano, o ano de 2026. O ano em questão, sabemos que é o das eleições presidenciais, porém ainda uma outra, posterior a de 2022. Nesse sentido, aproximando os elementos, o enunciador individual não rechaça Bolsonaro, mas o quer vitorioso nas eleições de 2026, o que significa dizer que, para esse enunciador individual, o Bolsonaro é bom e capaz de permanecer até lá, passando por mais dois mandatos.

Dessa forma, o processo de significação desse enunciado perpassa por uma avaliação por parte do alocutor-usuário a algo que tenha sido enunciado em outros enunciados, e que não pode ser recuperado, se não pela avaliação do lugar social de dizer que o recupera no texto. A avaliação em questão, como já podemos observar, é uma avaliação negativa quanto aos enunciados, uma vez que demonstra a sua posição quanto ao sujeito designado e, portanto, referido no texto.

Avançando no texto, o nome Bolsonaro é determinado a partir de um movimento de reescrituração de dois enunciadores, um coletivo, que o determina como “marionete”, e outro individual, que vai rechaçar essa designação caracterizada em um enunciado que é recuperado, a partir de outras palavras, a qual Bolsonaro é determinado como “cara”, “vencedor (ganhou a porra da eleição)”, “honesto (sem 1 tostão)”, “inocente (sem tempo pra tv)” e “coitado (ganhou do hospital)”. Dessa maneira, podemos ilustrar a cena enunciativa parafraseando da seguinte forma

L _____ LT

Eind – Bolsonaro não é marionete, Bolsonaro é o cara vencedor, honesto, inocente e coitado. Ganhou e irá ganhar os dois próximos mandatos. Vocês que falam que ele é marionete é que são marionete, e também chatos pra cacete, e merecem ser chamados de canalhas.

Ecol – Bolsonaro é marionete

al-usuário _____ at-usuário

Dessa forma, segundo o enunciador coletivo (Ecol), Bolsonaro é determinado por marionete, enquanto que essa relação para o enunciador individual será antonímica, e sinonímica conforme descreve: vencedor, honesto, inocente e coitado. Com o seguinte DSD, podemos verificar que a palavra Bolsonaro, que se encontra na *hashtag* e no enunciado, é designada então a partir de dois pontos de vista que se revelam nessa dinâmica de enunciadores. Sendo assim, a forma nominal será retomada na *hashtag* por repetição agora numa relação de aproximação com essa descrição feita a partir do lugar de dizer do alocutor-usuário,

Ecol -> Bolsonaro	-	Marionete
_____		_____
Eind -> Bolsonaro	-	o cara vencedor honesto inocente coitado
-		

Bolsonaro então é determinado por marionete (os sinais |- e -| significam determina e é determinado), ao mesmo tempo que essa determinação está em relação oposta ao que o enunciador individual determina para a mesma forma nominal, conforme o longo travessão (_____) (para representar antonímia) representa. No enunciado do *tweet*, a palavra marionete irá determinar ainda vocês, que o locutor se dirige para aproximar o enunciador individual do seu próprio discurso:

Eind -> Marionete |- vocês -| Marionetes canalhas

Sendo assim, podemos dizer que neste *tweet* há uma dinâmica de agenciamento à qual o político está atrelado, caracterizando um conflito na cena, um conflito de dizer, em que uma partilha do real pode ser conferida, através da relação de lugares de dizer na cena enunciativa e sua relação com a designação dos enunciados, ora determinando o objeto referido em um sentido, ora em outro, pela própria argumentatividade da construção do texto, em que certos modos de relação por articulação do texto, como a observada repetição, substituição etc. vão funcionar a favor de um sustento da argumentação pretendida.

Dando sequência à nossa análise, apresentamos o segundo *tweet*, correspondente à figura #10.

FIGURA #10: *Tweet de usuário da plataforma*



Fonte: *Twitter*

Neste *tweet*, começamos considerando a pergunta e a resposta do enunciado 1)

1) 100% certo? Não.

Como detalhamos nas subseções do capítulo 2, em que tratamos de temporalidade do acontecimento, cena enunciativa e divisão de lugares sociais de dizer, o acontecimento, sendo o funcionamento da língua em um espaço de enunciação, constitui uma temporalidade própria. Conforme Guimarães (2018) descreve, os falantes, enquanto determinados pelas línguas, são constituídos por um agenciamento descrito como político. Também já salientamos que, nessa divisão de lugares sociais de dizer, um real pode também ser dividido.

No enunciado que recortamos, o falante, agenciado politicamente, constitui a cena, produzindo o acontecimento da enunciação que, por sua vez, produz sentido, o qual podemos descrever a partir da configuração da cena enunciativa. A cena enunciativa do enunciado (1), em que a alocação é caracterizada com uma pergunta e uma resposta, divide os lugares de dizer entre um eu que questiona e um tu que responde. Podemos aí dizer que temos um acontecimento de linguagem na pergunta

de A para B e na resposta de B para A, portanto. Adiante ilustraremos melhor essa relação, por hora atentemos à futuridade do enunciado que se segue, em que outro acontecimento se instaura, a partir do articulador *mas*

2) 100% certo? Não. **Mas** tem 100% do meu apoio

Primeiro é importante ressaltar que o *mas* não está aí simplesmente dando uma ideia de contraposição. Mais que isso, indica sobre alguém ou algo não ser perfeito, mas merecer toda a confiança possível. Como podemos chegar até isso? Para tal, é necessário avançarmos no texto para principalmente recuperarmos a quem o adjetivo “certo” faz referência, apresentado através de um movimento textual que podemos caracterizar como catáfora, uma vez que antecipa o elemento a que só vamos associar no último enunciado do texto, curiosamente, sua única *hashtag*, a *hashtag* que finaliza o *tweet*. Antes de tratarmos dela, vejamos melhor como se precedeu essa temporalidade da cena, e essa divisão dos lugares de dizer.

Voltando ao enunciado 1), como podemos caracterizar quem é este que pergunta, e quem é este que responde? De que forma eles se apresentam? Para isso, precisamos entender a configuração da cena enunciativa dos enunciados, constituída ao longo do texto. No acontecimento enunciativo, o Locutor se divide entre o que podemos chamar de alocutor-perguntador e alocutor-respondedor. Podemos aí dizer que há uma partilha do real nessa relação de falantes, uma vez que a resposta é caracterizada como negativa, contrariando o que é descrito na pergunta, sobre algo ou alguém ser 100% certo. Com isso, podemos dizer que se trata de lugares de dizer distintos, e, mais que isso, em litígio. Dessa forma, os lugares sociais de dizer (alocutores) se põem no centro do dizer, marcando um lugar de confronto, de desentendimento. Isso porque, como veremos, o alocutor que pergunta não é o mesmo que responde, uma vez que na temporalidade do enunciado, a pergunta caracteriza um enunciador coletivo, que se mostra como alguém que questiona sobre alguém (que será melhor especificado) ser 100% certo, conforme a cena enunciativa ilustrada a seguir:

L

Ecol – X é 100% certo?

al-perguntador ————— at-responderor

Com a resposta, um novo alocutário se instaura, a partir de um enunciador individual, que vai responder à pergunta negativamente, como já foi dito. Com esse movimento, temos uma inversão de alocutores na cena, na qual o que responde assume a palavra a partir desse enunciador individual, que podemos parafrasear por:

L

Eind – X não é 100% certo

al-responderor ————— at-perguntador

Posteriormente, no acontecimento que o articulador *mas* instaura, uma relação de sentido é estabelecida a partir do memorável do enunciado, projetada pela futuridade interpretativa que os enunciados de pergunta e resposta constituíram anteriormente, estabelecendo, assim, uma ressalva acerca dessa resposta que vai se delongar por todo o texto, como forma de sustentação da argumentação que se dará e que será melhor percebida a partir da designação de outros enunciados no texto, comportando-se a favor dessa sustentação.

Dessa forma, este que é apresentado como alguém não 100% certo, mas que ainda assim merece 100% do apoio, vai se caracterizar como um político, sobretudo pela presença da forma verbal “votou”, o que demonstra que o sujeito da enunciação atribui o ato de votar a si por elipse, ocultando a primeira pessoa da relação sujeito-predicado. Por sua vez, este político recuperado no texto que teve o voto do sujeito do dizer está em articulação por coordenação com “homem” e “imperfeito”, além de estabelecer relação antonímica com “Deus”, ao qual podemos nos referir como única entidade passível de ser 100% perfeita.

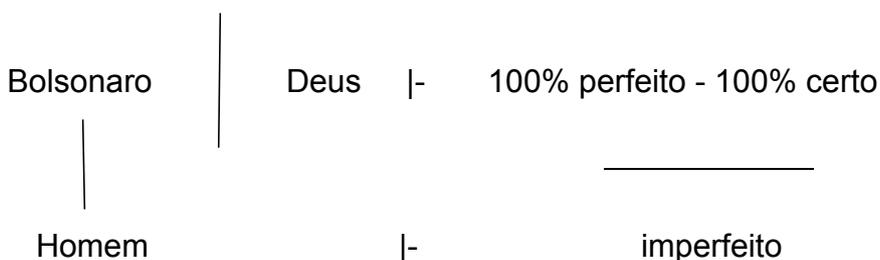
Com essa reescrituração do termo “certo” na dinâmica do texto, que, precedido de 100% e seguido da negação já comentada, é redito de outras formas como “homem” e “imperfeito”. Já que a relação de reescritura não necessariamente prevê contiguidade, podemos dizer que há uma relação de predicação entre esses elementos distantes do texto, de forma que vai culminar na *hashtag* que finaliza o texto, a qual abarca uma formação nominal alfanumérica da qual já podemos tratar a natureza do sentido no enunciado anterior. A *hashtag* #[Bolsonaro2026](#), dessa vez, recupera o elemento reescriturado no texto, estabelecendo uma operação fundamental

na constituição do seu sentido, através do movimento catafórico de reescrituração desse enunciado que culmina na designação do nome a que a *hashtag* descreve.

Nesse sentido, é a partir da resposta negativa ao enunciador coletivo, recuperado no texto pelo locutor, que se divide em alocutor-perguntador, alocutor-respondedor e alocutor-eleitor (eu votei), posteriormente, que há um rechaçamento desse enunciador coletivo. O enunciador coletivo recuperado questiona acerca do que esse alocutor-eleitor vai julgar como perfeito, ou seja, alguém 100% certo, como Deus. Isso vai sustentar a argumentação sugerida na *hashtag* com a composição nome + ano, da qual já tratamos na análise anterior. Aqui, o respaldo da argumentação é quanto a uma “normal” imperfeição do político em questão, colocada em pauta pelo enunciador coletivo e recuperado pelo alocutor para rechaçamento, enquanto que, no outro *tweet* analisado, o enunciador coletivo que se recupera pelo alocutor é de que o presidente é marionete. Dessa maneira, podemos unir o enunciado 1) e 2) e parafrasear da seguinte forma:

Bolsonaro é 100 % certo? Bolsonaro é homem, portanto não é 100% certo, perfeito, como Deus, mas ainda assim ele tem 100% do meu apoio

Também podemos ilustrar essa paráfrase através do seguinte DSD



A forma nominal Bolsonaro está então em relação antonímica com Deus, que é determinado por 100% perfeito, e em relação sinonímica (conforme o travessão para ligar) com homem, que é determinado por imperfeito, aproximando assim o Bolsonaro da imperfeição, o que justificaria ele não ser totalmente certo.

Essas relações enunciativas somadas à articulação do *mas* instauram o sentido que descrevemos, sobre alguém ou algo não ser perfeito, mas merecer toda a confiança possível ainda assim. Na dinâmica do texto, podemos identificar que esse alguém é o presidente, descrito como imperfeito, por isso não 100% certo. Para tal constatação, relações lexicais são desencadeadas, como a sinonímia entre as expressões “100% certo” e “Deus”, que, por sua vez, estão em relação de antonímia

com “imperfeito” e “homem”, que determinam, a partir da *hashtag*, o presidente Bolsonaro. Assim, o alocutor consegue estabelecer uma designação para o elemento de que trata, a partir de relações de articulações que sustentam a argumentação pretendida, a de que Bolsonaro não é 100% certo porque nenhum homem é em relação a Deus, que compõe um “peso superior” na balança que descreve, a da comparação entre esses pares.

Conforme a semântica do acontecimento prevê, os sentidos se dão no acontecimento de linguagem, sendo assim, cada acontecimento é único. Portanto, a *hashtag* apresentada na figura #10, apesar de se tratar da mesma na figura #9, produz sentido diferente, devido a relação com os outros enunciados e expressões do texto, que, por sua vez, também não são fixos, mas sim, como pode ser visto, instauram seus sentidos nessa dinâmica de relação e integração com outros enunciados do texto, como a própria *hashtag* em questão.

Podemos perceber que, nesse acontecimento de linguagem de que tratamos, o enunciador instaura um presente e uma futuridade que, para constituir sentido, a partir das relações de linguagem contidas no enunciado, vai remeter a um memorável que não foi formado por lembranças pessoais do falante ou algo do tipo, mas pela própria enunciação passada na temporalidade do acontecimento dos enunciados do texto. Essas memórias de sentidos de enunciações passadas projetaram uma interpretação para o futuro, permitindo interpretarmos a ressalva de que tratamos, uma ressalva que se dá a partir do articulador *mas* e que vai se delongar por todo o texto, até chegar no elemento reescriturado diversas vezes, presente apenas na formação da *hashtag* em questão.

Em sequência, mais um *tweet*, referente à figura #11, em que podemos notar forte uso da reescrituração.

Figura #11: *Tweet* de usuário da plataforma



Fonte: *Twitter*

- 1) Eu sou a favor do impeachment de Bolsonaro por muitos motivos

Encontramos neste enunciado uma reescritura por expansão, em que o “eu” do enunciado é especificado através do verbo ser como a favor do impeachment de Bolsonaro. Dessa forma, temos aí uma relação de especificação, em que o eu se identifica como a favor do impeachment, instaurando uma relação de um eu com o que se diz. Portanto, podemos dizer que, na divisão dos lugares, um enunciador é apresentado como um certo eu daquilo que se diz, por modos diversos, os quais podemos descrever a partir das condições do espaço de enunciação, na relação entre um lugar de eu (o lugar de dizer, o enunciador) e o domínio das designações e referências dos enunciados do texto. Veremos que essa relação será o fundamento da enunciação e, portanto, do sentido.

Este eu que especifica ser a favor do impeachment e que se apresenta a partir de um enunciador individual “eu sou a favor do impeachment de Bolsonaro”, descreve o porquê desse posicionamento através de uma reescrituração por expansão da expressão “muitos motivos”, em um movimento de enumeração. Nesse processo, os termos misoginia, preconceito e homofobia expandem o sentido de “muitos motivos” e determinam o termo presidente, que reescritura Bolsonaro, este, por sua vez, reescriturado pela *hashtag* única do texto, [#ImpeachmentBolsonaro](#), na qual o elemento determinado é descrito como que devendo ter a presidência impedida. Vale ressaltar que há uma relação de predicação na expressão, em que o pronome muitos irá determinar motivos, o que terá também um teor argumentativo, uma vez que podemos inferir que muitos motivos poderiam ser descritos, mas que só são apresentados os principais. Dessa forma, temos o seguinte DSD:

Principais dos muitos motivos -| Misoginia, preconceito homofobia explícita -|
Bolsonaro

Como podemos perceber, os principais dos muitos motivos determinam os motivos descritos, que determinam Bolsonaro, presente na *hashtag* [#ImpeachmentBolsonaro](#), e reescriturado no texto como “este que se diz presidente”. Conforme descreve Orlandi (2002), o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia em um processo simbólico determinado pelo modo como terá sua forma individualizada. Dessa forma, o sujeito do enunciado, tomado pelo agenciamento da língua, um agenciamento já descrito como político, se identifica, através da regência

do verbo, como aquele que é a favor do impeachment, por não considerar Bolsonaro digno de ser presidente, uma vez que é misógino, preconceituoso e homofóbico.

Essa argumentação é melhor impelida no enunciado que se segue, em que o alocutor, no acontecimento que se instaura, se descreve como mulher, um alocutor-mulher, portanto. Isso através da reescritura por repetição do enunciado 1) eu sou a favor do impeachment pelo enunciado 2) [eu] sou a favor do impeachment, constituindo outro enunciado, um outro acontecimento, que dessa vez será seguido de 3) porque sou mulher. O enunciado 3), ao mesmo tempo que instaura um alocutor em seu acontecimento, contrapõe-se ao que descreve: Bolsonaro ser misógino, preconceituoso e homofóbico explicitamente. Para tal, evoca esse lugar de dizer, um lugar de dizer que por sua vez está em relação de antonímia com misoginia, primeiro item descrito nos motivos e que sabemos se tratar de ódio contra as mulheres.

Esse acontecimento de linguagem que se dá no espaço de enunciação, conceito que Guimarães apresenta como: “[...] um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político” (GUIMARÃES, 2002), caracteriza uma busca pelo direito de falar, a partir da disputa que se instaura entre este eu que quer se incluir a partir de sua exclusão. Dessa maneira, o falante é tomado pelo espaço de enunciação e agenciado a falar enquanto um alocutor, um alocutor-mulher, que exige respeito. Vale salientar que a enunciação nada tem a ver com a intenção do sujeito que enuncia, visto que o acontecimento de linguagem agencia o sujeito a dizer o que diz e, ao tratarmos dessa questão, devemos considerar além das relações de linguagem, elementos como o lugar social e a História (GUIMARÃES, 2018)

Também segundo Guimarães (2009), o Locutor só é Locutor enquanto falante determinado por este espaço político do dizer, o espaço de enunciação. Dessa maneira, a enunciação, enquanto acontecimento da linguagem, constitui-se em uma relação do sujeito com a língua, sendo essa relação uma prática política, pois instaura o conflito no centro do dizer. Com a repetição do enunciado, através de um modo de relação por reescrituração, uma relação de especificação expande os motivos de ser a favor do impeachment, da forma como descreve, por ser mulher e, por sua vez, exigir respeito.

O conflito que se instaura se dá entre o local de fala da mulher, pela reescrituração por repetição, um local de fala a qual atribui a todas as mulheres, dando um caráter universal ao enunciado. Mulher, nesse sentido, contrapõe-se aos motivos descritos, que, por sua vez, determinam o nome da *hashtag*, além dela própria reiterar

a argumentação com a união não sintagmática dos nomes Bolsonaro e impeachment, sustentando assim a ideia de que o elemento evocado não é capaz de ser presidente e por isso deve ser impedido, sobretudo pelas mulheres. Sendo assim, temos o seguinte DSD para o enunciado:

Motivos -| Misoginia (...) |- Bolsonaro ————— Impeachment
 A favor do impeachment ————— Mulher ————— Respeito

Nesse esquema, que resume o anterior e avança no texto, “Bolsonaro”, que é reescriturado na *hashtag* do *tweet*, tem relação sinonímica com “impeachment”, realçada na própria *hashtag*, e por sua vez está em contraposição a “mulher”, que tem sua designação aproximada a “respeito” e “a favor do impeachment”. A palavra impeachment, dessa forma, é reescriturada na *hashtag* para remontar à “impeachment de Bolsonaro”, que vem precedido por a favor duas vezes no enunciado, aproximando-se ao “eu” do enunciado que é especificado pelo “sou”, observado anteriormente. Sendo assim, “a favor do impeachment” no texto está em relação sinonímica com “mulher” e “respeito”, que também é aproximado ao verbo ser no *tweet*.

A seguir, no *tweet* correspondente à figura #12, a reescrituração também presente na ressignificação dos nomes.

Figura #12: *Tweet* de usuário da plataforma



Fonte: *Twitter*

Neste *tweet* em particular, podemos notar que a *hashtag* precede o enunciado que se segue, a partir de uma formação nominal encadeada pela tradicional relação

sintagmática estruturada através de sujeito-verbo-objeto (SVO). Isso parece se dar, aparentemente, por uma relação entre a própria formação nominal, a *hashtag*, que constitui um enunciado, com os outros enunciados do texto, como o que se segue após e também os enunciados da imagem, que ilustra do que a *hashtag* trata, do dia 15 de março, ou seja, uma das manifestações ocorridas nesse mês em algumas regiões do Brasil. Para compreendermos melhor essa relação, podemos, pelas próprias noções de integração que os enunciados possuem em um texto, e que Guimarães descreve a partir de Benveniste, dizer estar relacionada com os outros enunciados presentes no *tweet*. Nos preocupamos então em descrever tal relação, para ter um entendimento global do texto, e assim identificar o seu sentido, que pode ser descrito, como podemos perceber, a partir de um olhar para como essa relação acontece na instauração do dizer.

Para tal, observemos que na formação da *hashtag* menciona-se, em um primeiro momento, o tema de que trata. Dessa forma, “Dia15”, o dia das manifestações que se seguirão, será comentado, através de uma reescrituração do que acontecerá nesse dia, que, no acontecimento que o dizer instaura, termina por ressignificar o próprio dia como um dia de manifestação, mesmo que em outros momentos da história possua outra atribuição significativa. Isso se deve pela temporalidade do acontecimento do dizer, que ressignifica a data agora como histórica, pelo menos na realidade do enunciado. Isso se dá, como já podemos mencionar, devido à temporalidade do acontecimento, que instaura no dizer uma unicidade, exclusiva do acontecimento da linguagem, que, conforme já comentamos, a semântica do acontecimento prevê. Sendo assim, a *hashtag* ressignifica a data, mesmo que no mundo e em outros momentos da história, através de outros enunciados, ela possua outras atribuições.

Nesse caso, com a dinâmica do texto, mais ainda, na futuridade da *hashtag*, podemos notar que dia 15 de março é reescriturado, ainda em sua formação, por “gigante”, e no que se segue por “concentração de bolsominions fanáticos”, e mais além, na imagem que ilustra o *tweet*, por “manifestação a favor do governo”. Dessa maneira, para constituir sentido, remete-se a um memorável na temporalidade que inaugura o enunciado, a *hashtag*, que se inicia com “Dia15”, para projetar uma interpretação para o futuro, a partir de uma reescrituração dessa data, através de enunciados que se seguem, no nível ainda do texto e também da imagem que a ilustra. É por isso que, também, os enunciados que se seguem nos cartazes presentes no

texto, caracterizam esse dia, uma vez que o locutor o comenta a partir de sua visão quanto às pautas que podem ser presentes na data.

Ecol	->	Gigante	-	Dia 15	-	concentração de bolsominions fanáticos
+						
Eind	->	Manifestação a favor do governo	-	mal educados	ignorantes	

No presente DSD, temos ilustrado um enunciador coletivo em que “dia 15” é determinado por “gigante” e “concentração de bolsominions”, e que na dinâmica imagética do texto determina “manifestação a favor do governo”, que intitula a charge do *tweet*, por um enunciador individual. Esse, por sua vez, é determinado pela cena enunciativa da charge, em que diversos cartazes estão presentes, determinando a manifestação e que podemos parafrasear por “mal educados ignorantes”, com alguns enunciados sendo “exigimos menos escolas!”, “sou feliz com minha ignorância” etc.

Sendo assim, o que se segue na *hashtag* “**Dia15Vaisergigante**”, podemos dizer, refere-se não só à data em questão, mas ao que acontecerá nela, e que o enunciador, que podemos caracterizar como individual, tenta prever. Para isso, é claro, precisamos atentar para a futuridade do enunciado, que irá reescrever a data na dinâmica da temporalidade do texto, como podemos descrever, de diversas maneiras, tanto pelo enunciado que a *hashtag* intitula, quanto pela imagem anexada ao post, que ilustra o lugar de dizer do locutor, ou seja, um lugar de dizer de comentarista da manifestação, mesmo que ela ainda não tenha ocorrido. Em sua visão, o locutor penaliza o ato, dizendo se tratar de uma “concentração de Bolsominions fanáticos e alienados, pedindo piores condições para o povo”.

Percebemos, então, através desse enunciado, uma relação de distanciamento do locutor com aquilo que trata, a data em questão, a data da manifestação, numa relação conflituosa, sobretudo com os enunciados dos cartazes, reescriturado por “piores condições”. O Locutor-comentarista, dessa maneira, se distancia das pautas, e mesmo do que a manifestação significa, instaurando assim um conflito de dizer, em que sua visão manifesta uma aversão ao que a *hashtag* evidencia, ou seja, a data como algo gigante, por conta do novo significado que ela ganha, a de manifestações pró-governo. Mesmo que não recuperemos outros enunciados em que a *hashtag* possa estar presente, podemos atentar para o fato de que nesse *tweet*, em relação

com os enunciados em questão, seu sentido se mostra negativo quanto à natureza da manifestação, por isso o conflito, por isso o litígio, e não poderia ser diferente, uma vez que é algo próprio da linguagem, como o Guimarães descreve, só exigindo que identifiquemos a partir da própria dinâmica do texto e a relação entre seus enunciados. Mais precisamente, no caso dos *tweets*, também a relação das *hashtags* com os textos que a precedem ou que se seguem, não alterando a função de intitulação já comentada em outros momentos deste trabalho.

No próximo *tweet*, podemos notar a *hashtag* além da plataforma, configurando-se no espaço físico e se incorporando no texto.

Figura #13: *Tweet* de usuário da plataforma

Impressionante o nível de burrice dessa gente, uma mulher segurando um cartaz escrito "feminicídio sim", que doença é essa? Acéfala, ignorante, calhorda, a que ponto esses apoiadores desse governo chegaram, surreal, estão em surto coletivo.
#ForaBolsonaro



34 164 597

Fonte: *Twitter*

Neste *tweet* (#13), também temos um enunciado seguido de cartaz, dessa vez através de foto, não meramente imagem ilustrativa, como no anterior analisado, em que temos um cartoon, representando possíveis pautas para a manifestação de que trata. Podemos dizer que isso caracteriza também uma diferença no funcionamento do texto, sobretudo em sua temporalidade, uma vez que o cartaz simboliza o momento da manifestação, já ocorrida, para só depois ser comentada. O cartaz carrega consigo uma *hashtag*, que por si só, podemos dizer, intitula todo o dizer do cartaz, uma vez que, se atentarmos para o dito, poderemos perceber que os nomes evocados em sua formação possuem, a partir da articulação do enunciado, uma relação com o texto do cartaz, e também com o *tweet* se o considerarmos como um todo, pois como poderemos descrever, ele funciona como uma resposta ao dito no cartaz. Ou seja,

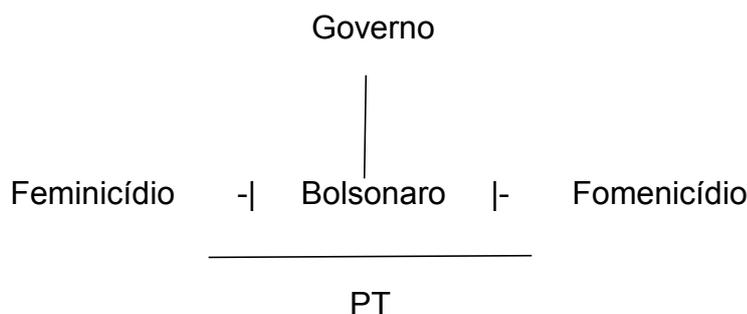
dessa maneira, temos um conflito entre os dizeres no acontecimento instaurados pelo enunciado, justo o que nos interessa identificar, para explicar a relação política entre esses enunciados, e dessa maneira perceber como eles estão concatenados.

A *hashtag* #ForaPT, no cartaz, é precedida por dois enunciados “feminicídio sim!” e “fomenicídio não!!”. Mostra-se importante, para entender o enunciado, caracterizar a própria formação desses nomes, para entender o que se reivindica no cartaz, que será, como poderemos descrever, fortemente rechaçado no *tweet*, que o comenta. Chamamos de formação nominal, pois a palavra fomenicídio não pertence, aparentemente, à lista de palavras que nossa língua tem registro. Dessa forma, podemos dizer que se trata de uma nova formação de palavra, a partir de outras duas, a saber “fome” e “nicídio”, esta última recuperada do sufixo da palavra no enunciado anterior, “feminicídio”, termo que existe no dicionário da língua portuguesa, e que designa o assassinato de mulheres cometidos em razão do gênero. Nesse sentido, podemos inferir que o que se sugere é uma tolerância a esses assassinatos, enquanto que um homicídio da fome, ou seja, um aniquilamento da fome, não. Devido à natureza primeiramente misógina, secundamente antiética e terceiramente desrespeitosa quanto aos direitos humanos nesse enunciado, fica até nebuloso compreender o sentido por trás da formação dessa palavra. Seria uma intolerância quanto à erradicação da fome? Uma simpatização quanto ao homicídio daqueles que sentem fome? Uma suposta cumplicidade quanto ao simples “apagamento” dessa realidade, tão presente no nosso país?

A *hashtag* formada a partir das duas palavras *Fora* (uma palavra de ordem muito utilizada em manifestações) e *PT* (Partido dos trabalhadores), carrega consigo, então, a historicidade da própria palavra “fora” e da sigla “PT”, sendo a primeira usada para indignação quanto a um governo e súplica por seu desmonte, muito comum em situações de crise; e a segunda o histórico do partido, que está por trás dos programas citados anteriormente, os quais a oposição costuma criticar. Isso se deve pela historicidade dos sentidos que as palavras carregam, evocados na atribuição de sentido, e não poderia ser diferente, uma vez que a história da língua é a história da relação dos sujeitos com suas palavras. Sendo assim, o cartaz carrega consigo todo esse emaranhado de sentido, causado pelo acontecimento que o próprio enunciado instaura e que vai evocar a historicidade dos sentidos que atribuímos às palavras.

Em contrapartida a essa *hashtag*, temos a #ForaBolsonaro, e que se encontra, na dinâmica do texto, precedida de um enorme enunciado, que comenta,

junto com a *hashtag*, o cartaz em questão. Dessa maneira, a *hashtag*, que também evoca o sentido de “Fora” elencado aqui, e a historicidade do nome “Bolsonaro”, funciona como uma resposta para a *hashtag* do alocutor a que se dirige, um alocutor que podemos chamar de protestante, no sentido de aquele que protesta. Temos então um claro conflito entre os dizeres aqui, caracterizado pelas posições ideológicas dos enunciadores, que vão evidenciar uma simpatização, cada qual, com uma entidade em questão, conforme o DSD demonstra



Como se ilustra, no enunciado do *tweet* “Bolsonaro” é determinado por “feminicídio” e “fomenicídio”, ao mesmo tempo que está em relação de aproximação com “Governo” e em contraposição a “PT”, se avançarmos para a leitura do cartaz. Vale ressaltar que o *tweet* se dirige para o cartaz, para quem o escreveu, para quem o segura, ou seja, para o alocutor em questão, mas também para um enunciador coletivo, configurado pelo uso de “dessa gente” e “apoiadores desse governo”. Partindo de um enunciador individual, a crítica se dirige também a esse enunciador coletivo, a saber quem concorda com feminicídio, e com o sentido nebuloso que “fomenicídio” pode ter.

Nesse sentido, temos um litígio caracterizado por uma crítica dirigida a um enunciador coletivo recuperado a partir de um alocutor protestante, que evidencia em seu cartaz a opinião de um público específico, a qual o enunciador individual não se identifica, e por isso rechaça em seu texto, atentando, inclusive, para a atribuição de alguns nomes quanto a natureza dessas afirmações, chegando a denominar de “surreal” e “surto coletivo”. Temos então uma reescrituração entre os enunciados com particularidades específicas, não segmentais, em que o litígio será instaurado, através do conflito entre os sentidos que o texto e as formações nominais presentes nele, elaboradas a partir de um contraste, evoca.

No próximo *tweet*, podemos observar um número mais diversificado no uso do recurso

Figura #14: *Tweet* de usuário da plataforma



Fonte: *Twitter*

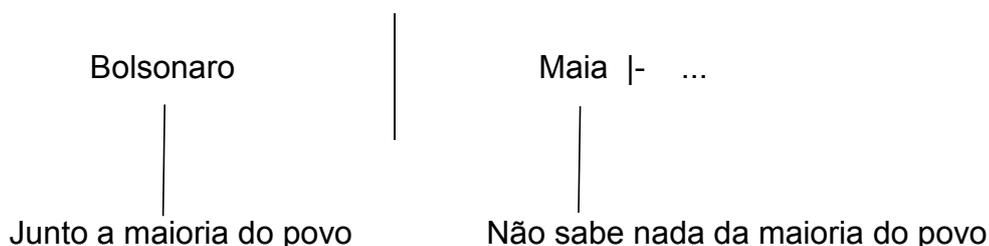
No enunciado do *tweet*, temos várias *hashtags*, sendo elas **#VaiPraRuaMaia**, **#BolsonaroPresidenteAte2026**, e, na postagem que o usuário evidencia em seu *tweet*, **#EuApoioBolsonaro** e **#Dia15BrasilNasRuas**, mesmo que não realçados com o aspecto azulado. **#VaiPraRuaMaia** constitui uma formação de vários nomes, de forma que o verbo no imperativo sugere ao sujeito uma ação, e este, por sua vez, é reescriturado no texto por outros nomes, numa sequência descritiva “anão político, nanico eleitoral, burocrata impopular” etc. Dessa maneira, podemos dizer que o sujeito, através da substitubilidade, é determinado por esses nomes pelo alocutor no acontecimento da enunciação, produzindo um novo sentido, que pode ser ilustrado a partir do seguinte DSD:

		anão político
Maia	-	nanico eleitoral
		burocrata impopular

Podemos dizer que, no enunciado da *hashtag*, a designação da palavra Maia nessa oração, apesar de em formação nominal, retoma por repetição a que se encontra no enunciado do *tweet* em questão, que por sua vez será determinada por

outras no contexto de todo o enunciado, como “anão político”, “nanico eleitoral” e “burocrata impopular”, atribuindo assim uma relação de aproximação na dinâmica do sentido do texto.

Na próxima *hashtag*, em que também recuperamos outro sujeito a qual sua designação está relacionada com a atribuição de qualidades, pelo mesmo lugar de dizer, o que direciona a uma atribuição oposta na evidenciada por Maia, temos Bolsonaro em relação sinonímica com Presidencialismo. Bolsonaro, na dinâmica do texto, tem então realçada a sua figura de presidente, chefiando os três poderes, e contrário, portanto, a Maia, ainda recuperado no texto como que não sabendo de nada da maioria do povo, como Bolsonaro.



Dessa forma, o nome Bolsonaro presente na *hashtag* recupera uma relação antonímica com outro, presente em outra *hashtag*, o que estabelece uma operação de relação fundamental que coloca um nome em contrapartida com outro, através de um movimento textual que culmina para uma designação particular de embate por espelhamento ao sujeito presente na outra *hashtag*. Funciona ainda, na *hashtag*, a mesma alusão a sua reeleição presente na nossa primeira análise, em que seu nome seguido do ano em que iniciaria sua última candidatura, além da próxima, em 2022. Acompanha ainda, dessa vez, a palavra presidente e até.

Na próxima *hashtag*, o lugar de dizer é de quem apoia Bolsonaro, na construção do texto vitimizada pelo ataque que ameaça o seu presidencialismo. Portanto, [#EuApoioBolsonaro](#) evidencia um enunciador-individual se comprazendo com o presidente que apoia, o que se aproxima com a outra *hashtag*, dessa vez aludindo um enunciador-coletivo, uma vez que recupera o Brasil, aproximado à “maioria do povo”, um Brasil que estaria nas ruas no dia 15 de março.

Por fim, nossa seção de análise contou com as seguintes *hashtags*:

[#Bolsonaro2026 \(2\)](#)

[#ImpeachmentBolsonaro](#)

#Dia15Vaisergigante
#ForaBolsonaro
#ForaPT
#VaiPraRuaMaia
#BolsonaroPresidenteAte2026
#EuapoioBolsonaro
#Dia15BrasilNasRuas

Atentando para essas *hashtags*, podemos notar que existe um tratamento diversificado quanto aos diversos tipos de relação de sentido atribuídos na temporalidade do acontecimento que estão inseridas, em que a significação dos enunciados enquanto integrados ao texto que fazem parte revelam diferentes acepções, por exemplo, para entidades históricas, como Bolsonaro, Maia e o PT. Isso se deve, não seria diferente, pelo caráter litigioso da instauração do dizer, que irá dividir os lugares de enunciação nas cenas enunciativas da plataforma, que permite este tipo de polaridade através da democratização do uso das *hashtags* por parte dos usuários, promovendo, podemos dizer, uma livre atribuição de sentidos no recurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos fazer um percurso por entre diferentes noções linguísticas, históricas e antropológicas que versam sobre as *hashtags*, não sem antes apresentar o gênero *Twitter*, a partir de seu conceito geral como rede social. Dessa maneira, tomamos a *hashtag* como objeto de estudo, a qual buscamos, a partir da acepção da bibliografia, conceituar, descrever e classificar a *hashtag*, observando alguns de seus aspectos, e como eles se comportam na rede da plataforma em questão. Com isso, buscamos descrever seu funcionamento linguístico, mais especificamente seu processo de designação, a partir de alguns exemplos extraídos da própria plataforma.

Para tal, desenvolvemos um capítulo teórico, apresentando a Semântica do Acontecimento, teoria que utilizamos para esta pesquisa, definindo-a a partir dos conceitos fundamentais propostos pelo próprio teórico Guimarães (2017). Dessa forma também dialogamos com outros autores envolvidos com a semântica da enunciação, como Bréal, Benveniste, Ducrot e outros. Refletimos sobre algumas das noções básicas da teoria, como acontecimento e temporalidade, espaços de enunciação (estes como espaços políticos), cena enunciativa e divisão de locutor, além do DSD, método pelo qual chegamos à designação dos enunciados que recortamos.

Procedendo com a análise, descrevemos o acontecimento de enunciação das *hashtags*, observando seu funcionamento a partir de categorias semântico-enunciativas. Com isto, podemos constatar que o processo de designação dos enunciados no *Twitter* a partir das *hashtags* se dá a depender de como os enunciados em que estão inseridas se integrem, enquanto elementos de texto, com as *hashtags*. Dessa maneira, percebemos que é possível examinar de que forma o sentido do enunciado se constitui a partir da articulação comportada pela pertinência entre o memorável e a atualidade do acontecimento desses enunciados.

Como podemos ver na *hashtag* apresentada na figura #10, apesar de se tratar da mesma na figura #9, ela produz sentido diferente, devido à relação com os outros enunciados e expressões do texto, que, por sua vez, também não são fixos, mas sim, como pode ser notado, instauram seus sentidos nessa dinâmica de relação e integração com outros enunciados do texto, como a própria *hashtag* em questão. Isto porque, conforme a semântica do acontecimento distingue, os sentidos se dão no acontecimento de linguagem, sendo assim, cada acontecimento tem caráter único

Nesse acontecimento de linguagem que tratamos (figura #9), vimos que o enunciador instaura um presente e uma futuridade que, para constituir sentido, a partir das relações de linguagem contidas no enunciado, vai remeter a um memorável não formado por lembranças pessoais do falante, mas pela própria enunciação passada na temporalidade do acontecimento dos enunciados do texto. Essas memórias de sentidos de enunciações passadas projetaram, no enunciado, uma interpretação para o futuro, permitindo interpretarmos a ressalva de que tratamos, uma ressalva que no enunciado se dá a partir do articulador *mas* e que vai se delongar por todo o texto, até chegar no elemento reescriturado diversas vezes, presente apenas na formação da *hashtag* em questão.

Com isto, percebemos que, neste processo de constituição do sentido, existe uma dinâmica de agenciamento à qual o político é indissociável, e que caracteriza um conflito na cena, um conflito de dizer, conferido uma partilha do real a partir da relação de lugares de dizer na cena enunciativa e sua relação com a designação dos enunciados, constituído pela própria argumentatividade na construção do texto, através de certos modos de relação, como a repetição, substituição etc. observadas nos enunciados analisados.

Percebemos que este conflito se dá porque o espaço da relação entre línguas e falantes é um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas. Esse conflito caracteriza todo e qualquer espaço como um espaço político, portanto, e não poderia ser diferente no espaço enunciativo do *Twitter*. Com a análise dos seus enunciados, constatamos que o político é algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e o acontecimento da enunciação, e que é “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (GUIMARÃES, 2017, p. 22).

Dessa forma, na rede, vimos que os falantes (usuários) são agenciados a dizer segunda uma divisão de lugares de enunciação, elucidados nas cenas enunciativas, concebendo assim o sentido a partir de uma noção histórica, em que aspectos sociais relacionados com a história e os contextos de uso da língua vão entrar em jogo para a constituição do sentido dos enunciados da plataforma. Sendo assim, as *hashtags* se mostram como produtos históricos do acontecimento da enunciação produzidas no funcionamento da língua em espaços digitais de enunciação, em que os falantes da

língua os constituem politicamente, agenciados, também politicamente, a dizer segundo essa divisão de lugares de enunciação nas cenas enunciativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, A.; FERRAZ, M. (2021). Do acontecimento à metalinguagem: uma análise enunciativa do poema “Neologismo” de Manuel Bandeira. **Leitura**, Maceió, n. 69, mai./ago. 2021 – ISSN 2317-9945. Dossiê Especial “Discurso, Gênero, Resistência” p. 469-479.

BENVENISTE, E. (1966). **Problemas de Linguística geral I**. Campinas, Pontes, 1989.

BENVENISTE, E. (1974). **Problemas de Linguística geral II**. Campinas, Pontes, 1989.

BREAL, M. (1897). **Ensaio de semântica**. Campinas, Pontes / Educ, 1992.

DEPEXE, S.; CORRÊA, L. B. **#todasjuntas: mobilizações femininas no Twitter**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba – PR. 04 a 09/09/2017

DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na Semântica. **Revista Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, V. 13, n. 1, p. 1-290, junho de 2015c.

DUCROT, O. (1978). **Princípios de Semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

GUIMARÃES, E. **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, E. **História da Semântica: Sujeito, sentido e gramática no Brasil**. Campinas: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento** – um estudo enunciativo da designação. 4º ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, E. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

JACKIEWICZ, A.; VIDAK, M. (2014). **Etude sur les mots-dièse**. Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF. Disponível em: http://www.shsconferences.org/articles/shsconf/pdf/2014/05/shsconf_cmlf14_01198.pdf. Acessado em: 11 dez. 2020.

LYONS, J. (1970). **New Horizons in Linguistics**. Penguin, Harmondsworth.

MEVES, J. R. do V. S. **Os nomes de rua e o ciclo do café: um estudo enunciativo da designação em Londrina**. Londrina, 2015. 179 f.

ORLANDI, E. P. (1984). **A linguagem e seu Funcionamento**. Pontes, Campinas, 2001.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista**. São Paulo: Cortez/Editora da Unicamp, 1990.

SCOTT, K. The pragmatics of hashtags: Inference and conversational style on Twitter. **Journal of Pragmatics**, v. 81, p. 8-20, 2015.

SILVA, C. D. da. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação [manuscrito]**. 2017. 228 p.

ANEXOS

1. Lista de capturas de tela realizadas

#Dia15VaiSerGigante a concentração de Bolsominions fanáticos e alienados pedindo condições piores para o povo.



FIGURA #18

Em resposta a @Joubberth19 e @jairbolsonaro

O rei da Espanha se desculpou por causa da discussão sobre parlamentarismo, incitada a toda hora por Maia, um anão político, nanico eleitoral, burocrata impopular que não sabe nada sobre a maioria do povo! #VaiPraRuaMaia - #BolsonaroPresidenteAte2026

🇧🇷 Dia 15/03 Eu vou! 🇺🇸 🇩🇪 🇩🇪 3 8 @ninguerm_anyone - 26 de fev
Querem que Jair Bolsonaro jogue parado, sem se posicionar e sem se expressar junto à maioria do povo, enquanto vê as atribuições do executivo serem atacadas, relativizadas, e até outros poderes tentando retirá-las, em pleno presidencialismo! #EuApoioBolsonaro - #Dia15BrasilNasRuas
[Mostrar esta sequência](#)

🗨️ 7 🍷 16 📤

FIGURA #19

Impressionante o nível de burrice dessa gente, uma mulher segurando um cartaz escrito "feminicídio sim", que doença é essa? Acéfala, ignorante, calhorda, a que ponto esses apoiadores desse governo chegaram, surreal, estão em surto coletivo. #ForaBolsonaro



🗨️ 34 🗨️ 164 🍷 597 📤

FIGURA #20

#RespeiteOPresidente UM CARALHO! Esse lagarto fedido e seu governo despreparado continuam com fronteiras abertas e voos permitidos sem a menor precaução. Nem pra medir a temperatura dos que chegam!!! Se o Brasil está do jeito que está, a culpa é dele sim!



FIGURA #21

Esse delinquente estava até ontem abraçando as pessoas, estimulando a ir às ruas e dizendo que havia histeria, que era "fantasia", uma "gripe"! Viu a reação popular e se borrou! Tarde demais! #AcabouBolsonaro



FIGURA #22

Ainda há esperança. Diferente de Malafaias, Macedos e outros que só pensam em dinheiro, veja o exemplo dos líderes da Congregação Cristã no Brasil, importante denominação evangélica do Brasil. Sensatez de verdadeiros cristãos. #BolsonaroNaoEmaisPresidente #AcabouBolsonaro

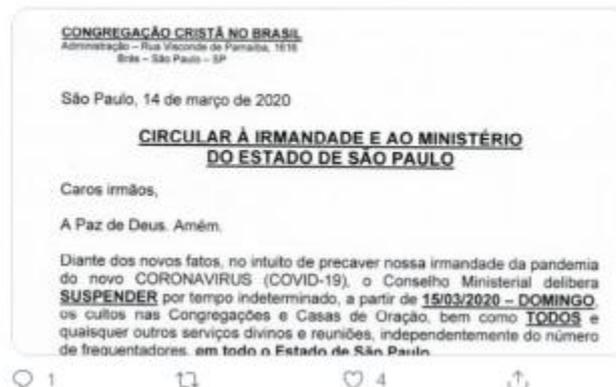


FIGURA #23

A funcionarina do @jorisjr @veramagalhaes não passa sem uma hipócrita desiminadora de fake News e apaixonado pelo @jaibolsonaro 🤔
O print é sagrado 🙌🙌🙌🙌
[#PanelacoContraAEsquerda](#)



FIGURA #24

Não se trata de respeitar 57 milhões de eleitores. O caso é que o presidente não respeita o cargo a que ele foi eleito. Ele tem sido vingativo, inconsequente, vem demonstrando um total despreparo para o cargo. Como respeitar? Eu culpo os eleitores. [#Respeitem57MilhoesDeEleitores](#)



FIGURA #25

Meu único pensamento essa manhã é esse texto do Vladimir Safatle de dias atrás. Nós não temos como gerenciar duas crises - uma sanitária e outra provocada por um agitador fascista. O impeachment neste momento teria um valor civilizatório [#BolsonaroGenocida](#)



FIGURA #27

#NãoExistePanelaçoA favor existe o **panelaço** contra... até o presidente que é burro sabe disso



FIGURA #26

A Justiça determinou que @jairbolsonaro está proibido de adotar medidas contra o isolamento social, maneira mais eficaz de combater a pandemia de #coronavirus. Os decretos que autorizavam igrejas e lotéricas a se manterem abertas, também foram derrubados.



FIGURA #28

Não permitiremos que a historia seja reescrita por aqueles que até hoje têm as mãos sujas de sangue e jamais pagaram por seus crimes. O golpe de 1964, que instaurou uma ditadura de mentiras, torturas e assassinatos, merece o nojo e a repulsa dos brasileiros. #DitaduraNuncaMais



FIGURA #29